



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MÁRCIO ALVES DA SILVA

**AS FORMAS ALTERNANTES *NÓS/A GENTE* NO *CORPUS*
DISCURSO & GRAMÁTICA – D&G: UM OLHAR À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA**

CAMPINA GRANDE - PB

2012

MÁRCIO ALVES DA SILVA

**AS FORMAS ALTERNANTES *NÓS/A GENTE* NO *CORPUS*
DISCURSO & GRAMÁTICA – D&G: UM OLHAR À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA**

Artigo apresentado à Coordenação do TCC do Curso de Licenciatura em Letras do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina, para a obtenção do Grau de Licenciado em Língua portuguesa.

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

S586f

Silva, Márcio Alves da.

As formas alternantes nós/ a gente no corpus
discurso & gramática - D&G [manuscrito]: um olhar
à luz da Sociolinguística / Márcio Alves da
Silva. – 2012.

24f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Teresa Neuma de Farias
Campina, Departamento de Letras”.

1. Línguas 2. Diversidade Lingüística 3.
Lingüística I. Título.

21. ed. CDD 410

MÁRCIO ALVES DA SILVA

AS FORMAS ALTERNANTES NÓS/A GENTE NO CORPUS
DISCURSO & GRAMÁTICA – D&G: UM OLHAR À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA

Aprovado em 12 de dezembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Teresa Neuma de F. Campina Nota: 10,0
Profª. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina (UEPB)
Orientadora

Amasile Coelho L. C. Sousa Nota: 10,0
Profª. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (UEPB)
Examinadora

Cléa Gurjão Carneiro Nota: 10,0
Profª. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

Média: _____

AS FORMAS ALTERNANTES *NÓS/A GENTE* NO *CORPUS* DISCURSO & GRAMÁTICA – D&G: UM OLHAR À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA*

Márcio Alves da Silva

RESUMO

Este trabalho objetiva identificar as formas linguísticas “*nós/a gente*” nos textos de alunos/informantes no *corpus* D&G; analisar como se dá, a partir de textos produzidos por alunos da oitava série e terceiro ano do ensino médio, a alternância das formas “*nós/a gente*”, considerando as variáveis sexo e escolaridade em textos orais e escritos e, contribuir para o ensino de Língua Portuguesa a partir da perspectiva Sociolinguística. Para tanto, questiona-se até que ponto a diversidade linguística está relacionada as variáveis sexo e escolaridade. A pesquisa em pauta é de caráter descritivo-analítico. Optou-se por trabalhar com informantes da oitava série e terceiro ano do ensino médio, considerando as variáveis sexo e escolaridade. Os textos orais e escritos, objeto de análise, pertencem ao *corpus* Discurso & Gramática (1998). Consideram-se as narrativas de experiência pessoal produzida pelos informantes e, para este artigo, trabalha-se com quatro trechos orais e seus correspondentes escritos, dado o caráter do estudo proposto. O trabalho justifica-se por abordar um assunto de extrema relevância para a formação de professores, uma vez que fará uso de uma teoria/prática que defende propostas de ensino pautadas na correlação entre língua e sociedade, na análise linguística de regras variáveis e na minimização de preconceitos vigentes na sociedade, contribuindo para a nova postura do professor. A pesquisa segue as orientações teóricas de Geraldi (2004) e Travaglia (2001) no que tange às concepções de língua(gem), bem como as noções advindas dos estudos de Bagno (2006), Monteiro (2000), Alkmim (2008) e Lopes (2007) em relação aos estudos da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade linguística; língua e sociedade.

1. ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

Nossa pesquisa está pautada nos princípios da linguística laboviana que tem como objeto de estudo a variação e a mudança linguística ocasionadas pelo contexto social de uma comunidade de fala.

A variação linguística consiste no que Labov (*apud* COAN; FREITAG, 2010) caracterizou como sendo dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas

* Aos meus mestres: Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Teresa Neuma de Farias Campina, Marcos Wagner da Costa Agra, Roberta Soares Paiva e Maria de Lourdes da Silva Leandro.

com o mesmo valor de verdade e que constituem variantes de uma mesma variável, ou seja, variação é heterogeneidade, maneiras diferentes de dizer a mesma coisa.

Em razão disso, questionamos, neste artigo, até que ponto a diversidade linguística está relacionada as variáveis sexo e escolaridade. Assim, objetivamos a) identificar as formas linguísticas “nós/a gente” nos textos de alunos/informantes no corpus D&G¹; b) analisar como se dá, a partir de textos produzidos por alunos da oitava série e terceiro ano do ensino médio, a alternância das formas *nós/a gente*, considerando as variáveis sexo e escolaridade em textos orais e escritos; c) contribuir para o ensino de Língua Portuguesa a partir da perspectiva da sociolinguística.

Nesse sentido, trabalhamos com a hipótese de que nos textos escritos há a predominância do pronome “nós” e, nos textos orais, ocorre a alternância das formas linguísticas “nós/a gente”, fato atrelado ao nível de escolaridade e ao sexo dos informantes.

O nosso trabalho justifica-se por abordar um assunto de extrema relevância para a formação de professores, uma vez que fará uso de uma teoria/prática que defende propostas de ensino pautadas na correlação entre língua e sociedade, na análise linguística de regras variáveis e na minimização de preconceitos vigentes na sociedade, contribuindo para a nova postura do professor.

Em se tratando da metodologia, a pesquisa em pauta é de caráter descritivo-analítico, uma vez que trata-se de um estudo de caso. A princípio, caracterizaremos não só o fenômeno da diversidade linguística como também realizaremos uma análise de como se dá a representação desse fenômeno a partir de textos produzidos pelos escolares – informantes da nossa pesquisa. O método utilizado é o empírico.

Assim, escolhemos o *corpus* Discurso & Gramática (1998) por que ele atende as nossas necessidades enquanto pesquisador da Teoria da Variação e Mudança Linguística e, por entendermos que ele é uma fonte riquíssima para produções de monografias, dissertações e teses sobre a realidade linguística local e nacional, já que, nele, encontramos dados reais, produzidos por falantes reais e em situações reais.

¹ O *corpus* **Discurso & Gramática** – A língua falada e escrita na cidade do Natal, ora publicado pela Editora Universitária da UFRN, é uma obra de referência e uma fonte de dados singular, no contexto dos *corpora* ora disponíveis sobre a sincronia atual do português no Brasil. Dentre outros, citamos: Norma Urbana Culta, Programa de Estudos do Uso da Língua, Variação na Região Sul, Variação Linguística da Paraíba, Dialetos Sociais Cearenses. Sua singularidade se define pela *gama de tipos textuais*, pela *comparabilidade*, pela *relevância*, pelo estilo *monologal* e pelas *faixas de escolaridade*.

Neste contexto, optamos por trabalhar com informantes da oitava série e terceiro ano do ensino médio, uma vez que são séries terminais de cada segmento, isto é, primeiro e segundo grau respectivamente.

Assim, o estudo proposto considera as variáveis sexo e escolaridade como ponto de apoio para a análise. Os textos orais e escritos, objeto de análise, foram retirados do *corpus* Discurso & Gramática (1998). Consideraremos as narrativas de experiência pessoal produzidas pelos informantes; contudo, para este artigo, iremos trabalhar apenas com quatro trechos orais e seus correspondentes escritos, dado o caráter do estudo proposto.

Os informantes distribuir-se-ão, do seguinte modo: dois informantes da oitava série (nono ano) e dois do terceiro ano do ensino médio.

Há correlação estreita entre idade e escolaridade e, assim, definimos, em linhas gerais, as seguintes faixas etárias:

- Oitava série – entre 14 e 17 anos.
- Terceiro ano do ensino médio – entre 18 e 20 anos.

No nosso trabalho, desenvolveremos os tópicos: língua e sociedade: uma relação necessária; as concepções de linguagem e o ensino de língua materna; pelos caminhos da Sociolinguística; um recorte sobre oralidade e escrita; revisitando a categoria dos pronomes pessoais; algumas reflexões sobre o objeto; palavras finais.

2. LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Língua e sociedade estão fortemente interligadas de modo que uma precisa da outra para existir, uma vez que

Desde que nascemos, um mundo de *signos* lingüísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, [...], começamos a formular nossas *mensagens*. [...] toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal. (PRETI, 1974. p. 7) (*grifo do autor*)

Contudo, a linguística nem sempre incluiu ou teve a intenção de estudar os aspectos de natureza social, tais como: sexo, escolaridade entre outros que constituem a historicidade do sujeito falante.

Nesse sentido, Saussure, no Curso de Linguística Geral (1995), ao postular a dicotomia *langue X parole*, determinando que o objeto de estudo da linguística seria a *langue* – sistema regido por leis próprias (imanência da linguagem) e dotado de homogeneidade – obscureceu os aspectos da historicidade do indivíduo.

Nessa trilha, Chomsky², por sua vez, considerou como objeto de estudo de sua teoria linguística a competência de um falante-ouvinte ideal. A competência para o autor é a capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua, que é vista por Chomsky como um conjunto infinito de frases que se define não só pelas frases existentes, mas também pelas possíveis, isto é, aquelas que se podem criar mediante a interiorização das regras do sistema linguístico, tornando os falantes aptos a produzir frases que até mesmo nunca foram ouvidas por ele.

Diante disso, ressaltamos que para esse teórico americano interessava apenas o “falante-ideal”, observado e manipulado por ele dentro de um laboratório, e não locutores reais, ou seja, indivíduos que faziam uso concreto da linguagem.

Assim, a partir dos estudos de Saussure muitos foram os outros estudos que surgiram e, desse modo, a Sociolinguística insere-se como um desses estudos que vem favorecendo as concepções de língua(gem) na perspectiva da diversidade linguística.

Contudo, isso só veio firmar-se após Bright (*apud* MONTEIRO, 2000) ter afirmado que o objeto de estudo da Sociolinguística seria a diversidade linguística e, a partir desse momento, Labov (*apud* MONTEIRO, 2000) foi o primeiro a considerar os fatos sociais nos estudos linguísticos em virtude da própria natureza da linguagem.

Nessa perspectiva, a língua tem a função social de estabelecer a interação entre os interlocutores, haja vista que “[...] desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através de seu código substitutivo escrito. [...] através dela, o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado.” (PRETI, 1974. p. 7).

Assim, há uma relação íntima e necessária entre língua e sociedade, pois, cada língua existe em função das exigências sociais de nomear ou designar a realidade. Nesse

² Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/teoria-gerativa-de-noam-chomsky>>. Acesso em: 01/12/12 às 13h30min.

viés, é relevante a concepção de língua(gem) que o indivíduo tem; por isso, falaremos mais sobre as concepções de língua(gem) no tópico seguinte.

3. AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA(GEM) E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A forma como o professor concebe a língua(gem) é uma questão que influencia no ensino da língua portuguesa, visto que isso pode alterar sua prática docente e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

Assim, há três concepções de linguagem: língua(gem) como expressão do pensamento, língua(gem) como instrumento de comunicação e língua(gem) como processo de interação. A primeira concepção presume que há regras a serem seguidas para a organização do pensamento e, conseqüentemente, para a organização da língua. Este postulado permeia a gramática tradicional. Segundo Travaglia (2001, p. 22), “para essa concepção, o modo como o texto [...] está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala”; a segunda concepção (língua(gem) instrumento de comunicação) considera língua como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir informações de um emissor a um receptor. Esse modo de ver a língua está representado pelas correntes linguísticas do estruturalismo saussuriano e do gerativismo chomskyano.

Sob esse enfoque, é relevante frisarmos que tanto para a primeira corrente de estudo quanto para a segunda, não se consideravam os interlocutores e a situação de uso como fatores determinantes das regras que constituem um sistema linguístico.

Por outro lado, a terceira concepção (língua(gem) processo de interação) considera que o indivíduo realiza ações, age e atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) por intermédio da linguagem, vista, agora, como lugar de interação humana em que os interlocutores produzem efeitos de sentido, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 2001).

Assim, os interlocutores, usuários da língua, ocupam lugares sociais e portanto, “falam” e “ouvem” desses lugares. Essa concepção é representada por correntes e teorias da linguística, tais como: Teoria da Enunciação, Análise do Discurso, Análise da Conversação, dentre outras que de alguma maneira estejam ligadas à Pragmática.

Como o nosso trabalho está pautado na Sociolinguística laboviana, não poderíamos deixar de evidenciar a concepção de língua(gem) defendida por Labov (*apud* MONTEIRO, 2000), uma vez que para ele, a função social da linguagem é não só transmitir informações mas também estabelecer contato com outras pessoas.

Dessa forma,

A língua só tem existência [...] na sociedade, **na interlocução**. Estudar a língua é [...] tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada **situação concreta de interação**. (GERALDI, 2004, p. 42). (*grifo nosso*).

Por isso, frisamos aqui que é esta terceira concepção de língua(gem) que norteará o nosso estudo.

4. PELOS CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A relação entre linguagem e sociedade é a base que constitui o ser humano e, conseqüentemente, o campo propício ao estudo da Sociolinguística, corrente teórica que embasa a nossa pesquisa. Nessa perspectiva, a Sociolinguística enfoca como objeto de investigação e análise as variações linguísticas, correlacionando tais variações com as diferenças sociais, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos sistemáticos.

Segundo Monteiro (2000), o termo Sociolinguística surgiu em 1964 em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Vários estudiosos participaram desse congresso e, hoje, eles são considerados referências fundamentais nos estudos voltados para a relação entre linguagem e sociedade, dentre eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona.

Bright, o organizador do congresso, propôs que a Sociolinguística correlacionasse variações linguísticas com as diferenças existentes na estrutura social, pois, segundo ele, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística.

Dessa forma,

[...] os propósitos de descrever a heterogeneidade lingüística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores

sociais que atuam na língua somente passaram a ter êxito com os trabalhos de Labov, que logo se tornou o **representante** mais conhecido da chamada *teoria da variação lingüística*. Isto porque, conforme assinala o próprio Labov (1972), na década de 60 [...] a maioria dos pesquisadores se dedicava à contemplação de seus próprios idioletos. Para Labov, todo enfoque lingüístico teria que necessariamente ser social [...]. (MONTEIRO, 2000, p.16). (*grifo nosso*). (*grifo do autor*).

Diante disso, é relevante frisarmos que Labov (*apud* MONTEIRO, 2000) trabalha com a noção de comunidade de fala que, segundo Alkmim (2008, p. 31), “se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam [...] e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”.

Assim, a Sociolinguística laboviana (ou Teoria da Variação e Mudança Linguística) tem como objeto de estudo a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso, fato que caracteriza o uso do método empírico para o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Conforme aponta Alkmim (2008, p. 32),

ao estudar qualquer comunidade lingüística, a constatação [...] imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolingüística reserva o nome de *variedades lingüísticas*. (*grifo da autora*)

Nesse contexto, temos *variação diatópica* e *variação diastrática*. A variação diatópica está relacionada ao espaço físico que o falante pertence; já a variação diastrática, por sua vez, envolve vários fatores, como: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social, que se encontra intrinsecamente relacionada não só à identidade dos falantes como também à forma de organização de sua comunidade de fala.

Nesse viés, o nosso foco de investigação será a variação diastrática (social) no *nível morfológico*; diastrática por que estaremos considerando as variáveis sexo e escolaridade apontadas por Camacho (2008) como fatores que motivam as diferenças linguísticas; nível morfológico por que consideraremos a alternância das formas “nós/a gente” como referentes a primeira pessoa do plural

Camacho (2008) pontua, ainda, que toda língua humana é heterogênea e variável. Assim defendemos que a variação não é um problema; e se há um problema, ele está em acreditar e defender a existência de uma língua perfeita, correta e bem acabada, já que a língua é falada pelos indivíduos que, em qualquer lugar ou época, são sempre heterogêneos, haja vista a historicidade de cada um ou da comunidade de fala que ele por ventura esteja inserido.

Dessa forma, compartilhamos do pensamento de Bagno (p.23-24) quando defende que:

[...] ao contrário do que muita gente acredita, a língua não está registrada por inteiro nos dicionários, nem suas regras de funcionamento são exatamente (nem somente) aquelas que aparecem nos livros chamados gramáticas. É mais uma ilusão social acreditar que é possível encerrar num único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua.

Assim, quando avaliamos preconceituosamente uma variedade como “feia”, “errada” ou “inferior”, estamos julgando não a fala, mas o próprio falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social, já que:

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história. (LEITE; CALLOU, 2002, p.57).

Nesse viés, os valores atribuídos a cada variação refletem, na verdade, o grau de prestígio social de seus usuários. Por isso, a corrente teórica que embasa nosso trabalho tem como objetivo entender que fatores motivam a variação linguística e, qual a importância de cada fator desse na configuração do quadro que se apresenta variável.

5. UM RECORTE SOBRE ORALIDADE E ESCRITA

Hoje, nossa sociedade é totalmente o oposto da que tínhamos na Idade Média, ou seja, ela é capitalista, contratual e organizada pelo direito positivo (direito escrito); nesse viés, a escrita se tornou um bem social indispensável à sobrevivência humana, quer seja nos grandes centros urbanos, quer seja na zona rural. Assim, a escrita recebeu um alto *status*, o de símbolo de educação, desenvolvimento e poder.

Vejam os que diz Marcuschi (2001, p.17):

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...] porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como [...] a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos [...] próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos [...]

Nesse contexto, fica evidente que fala e escrita são usos da língua com características próprias, no entanto, insuficientes para se configurar como dois sistemas linguísticos ou dicotomias como defendia Saussure.

Sendo assim, por que a modalidade escrita da língua é mais prestigiada do que a oralidade? Respondendo a esse questionamento, Marcuschi (2001, p.18) pontua:

A fala [...] é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê [...]. Por outro lado, a escrita [...] é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável.

Para esse estudioso, **oralidade** é uma prática social interativa que se configura em várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora e, vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Por outro lado, a **escrita** seria um modo de produção textual para fins comunicativos que se caracteriza por sua constituição gráfica, fato que ganha uma dimensão extrema, dado que vivemos numa sociedade letrada e, por isso, regida pela escrita.

Frisamos, aqui, que oralidade e escrita *não* são dois sistemas linguísticos, mas modalidades da língua que caminham lado a lado em vários contextos, tais como: “o trabalho, a escola, o dia-a-dia, a família, a vida burocrática, a atividade intelectual”. (MARCUSCHI, 2001, p.19).

Nessa perspectiva, tanto a oralidade quanto a escrita trazem um *cotínuum* de variações, isto é, tanto uma quanto a outra variam. Portanto, a comparação deve ter como base de análise os gêneros textuais, objetivando evitar as dicotomias. É interessante deixar claro também que uma análise satisfatória dependerá não só da concepção de língua(gem) que embasa a teoria como também da ideia de funcionamento da língua.

6. REVISITANDO A CATEGORIA DOS PRONOMES PESSOAIS

No Brasil, é comum os falantes usarem a alternância das formas *nós/a gente* em referência a primeira pessoa do plural, entretanto, como bem pontua Lopes (1985), as gramáticas normativas não costumam incluir formas pronominais usadas na linguagem coloquial, a exemplo: *você/vocês/a gente*. Martelotta (2011, p.48), por sua vez, completa:

Se tal variação se mantiver bem delimitada por grupos dialetais (regionais ou sociais), dizemos que a variação é estável. [...]. Caso a forma [...] sem prestígio comece a ser usada na fala de pessoas com alto grau de escolaridade com frequência cada vez mais alta, isso pode ser um indício de mudança em curso”.

Nesse contexto, apresentamos a seguir a visão tradicional sobre os pronomes pessoais:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Quadro 01: Formas dos pronomes pessoais

FONTE: CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. p.291.

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (sem prep.)	TÔNICOS (c/ prep.)
Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	eu tu ele, ela	me te lhe, o, a, se	mim ti ele, ela, si
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	nós vós eles, elas	nos vos lhes, os, as, se	nós vós eles, elas, si

Quadro 02: Pronomes pessoais

FONTE: BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual.. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p.164.

Comparando os dois quadros que trazem as formas dos pronomes pessoais, percebemos que “nas diversas gramáticas normativas, não há divergências significativas quanto ao elenco dos pronomes pessoais sujeitos e a forma de apresentá-los”. (LOPES, 2007, p.105). Entretanto, frisamos que a substituição de *nós* por *a gente* existe não só na oralidade, mas também nos textos escritos e, ocorre tanto entre falantes cultos quanto entre os falantes não-cultos. A pesquisadora (1985) completa dizendo que o uso de *a gente* é maior entre as mulheres e que a relação entre sexo e faixa etária faz-se necessária para verificar se o fenômeno da substituição de *nós* por *a gente* é um processo de variação estável ou de mudança linguística.

Sendo assim, o que estaria determinando tais escolhas linguísticas? Lopes (2007, p.114) responde que:

O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e ao interlocutor [...]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*. [...]. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior; por isso, o falante emprega o pronome *nós* [...]. (*grifo da autora*).

Assim, passamos a apresentar a situação atual do quadro de pronomes pessoais, tendo em vista que “usos como *a gente estuda/nós estudamos* [...] poderiam ser considerados (com base em pesquisas como as de Lopes, 2004 e Tesch, 2011), casos de mudança em curso”. (MARTELOTTA, 2011, p.48). (*grifo do autor*). Vejamos:

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	eu	me	meu/minha
P2	tu/você	te, lhe, (se), você	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	o, a, (se)/lhe/ele(a)	seu/sua/dele(a)
P4	<i>nós/a gente</i>	<i>nós/a gente</i>	<i>nosso(a)/da gente</i>
P5	vocês	vocês/lhes/se	seu(s)/sua(s)/de vocês
P6	eles/elas	os, as, (se)/lhes/eles(as)	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Quadro 03: Situação atual

FONTE: Menon (*apud* LOPES, 2007, p.116.).

Como se pode perceber pelo quadro acima, há uma mudança de paradigma quanto à classificação dos pronomes; se compararmos esse quadro com os anteriores, Lopes (2007) considera o *a gente* como pronome, dado o largo uso que se faz, hoje, dessa expressão.

7. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O OBJETO

Informante: 01

Idade: 15 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: oitava série (nono ano)

Texto analisado: narrativa de experiência pessoal (parte oral e escrita)

O nosso informante 01 narra como foi a experiência de montar pela primeira vez um acampamento de caráter militar; nesse sentido, analisaremos alguns trechos da narrativa dele, na modalidade oral. Segundo Marcuschi (2001), essa é uma prática social interativa que se configura em várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade

sonora e, vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso .

EXEMPLO 01:

[...] **a gente** foi caminhando ... [...] e **a gente** passaria ali quase vinte e quatro horas ... [...] e **a gente** tirou umas duas horas ... então **a gente** chegou umas oito horas no local e pronto ... [...] durou mais ou menos umas ... duas horas até o local ... de onde **nós** tínhamos partido ... [...]

Quadro 01: Narrativa de experiência pessoal (Parte oral).

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 303-305.

Nossa análise, também irá considerar o correspondente escrito produzido pelo informante em pauta, uma vez que, para Marcuschi (2001), a escrita é um modo de produção textual para fins comunicativos que se caracteriza por sua constituição gráfica.

EXEMPLO 02:

[...]
Quando e eu e os meus amigos chegamos ao local de partida, todos estavam alegres pensando que tudo não ia passar de um simples piquinique. Todos **nós** trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. [...]
Pela madrugada, todos foram obrigados a acordar, pois iria começar as instruções. Parecia que estávamos em uma guerra, **a gente** se arrastava, pulava, caía, corria.
[...]

Quadro 02: Narrativa de experiência pessoal (Parte escrita).

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 315-316.

Frisamos que “ao estudar qualquer comunidade lingüística, a constatação [...] imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar”. (ALKMIM, 2008, p.32). Assim, os trechos, oral e escrito, do nosso informante nos fazem confirmar o que já

tínhamos dito nesta pesquisa, ou seja, o fato de que no Brasil, é comum os falantes usarem a alternância das formas *nós/a gente* em referência a primeira pessoa do plural.

Comparando o trecho oral com o escrito, percebemos que apesar da alternância de formas “*nós/a gente*”, uma delas predominou na modalidade oral e, foi, exatamente, a que as gramáticas normativas não costumam incluir (LOPES, 2007.), ou seja, a forma *a gente*. Tal escolha linguística, segundo Lopes (2007), justifica-se pelo fato de o falante ter ampliado a referência pronominal, indeterminando-a.

Assim, o fenômeno da variação linguística se efetivou a partir do momento em que o informante para se referir a (eu + ele(s)) ao mesmo tempo, usou, preferencialmente, ao invés do tradicional *nós*, a forma “*a gente*”- prática, aqui, demonstrada pelos textos em análise e, com predominância na oralidade. A seguir, analisaremos mais alguns trechos em que a variação das formas também ocorre.

Informante: 02

Idade: 19 anos

Sexo: feminino

Escolaridade: terceiro ano (ensino médio)

Texto analisado: narrativa de experiência pessoal (parte oral e escrita)

EXEMPLO 03:

[...] **a gente** tinha ido pra:: Baixa Verde ... [...] **a gente** veio ... pra Natal ... mas na vinda **a gente** passou em Ceará-mirim porque ... minha vó mora lá ... sabe? [...] aí **a gente** passou lá ... quando chegou lá dentro eu chamei uma tia minha ... vó insistiu muito **pra gente** dormir lá ... [...]

Quadro 03: Narrativa de experiência pessoal (Parte oral)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 220-232.

O trecho acima (parte oral) é do nosso segundo informante e, nesse tocante, Marcuschi (2001, p.18) defende que:

A fala [...] é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê [...]. Por outro lado, a escrita [...] é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável.

Assim, vejamos o correspondente escrito do informante em questão:

EXEMPLO 04:

A quinze dias atrás, eu e minha família fomos a Bom Jesus e nessa viagem, meu pai tomou umas e outras e ficou bêbado; e quando *nós* víamos p/ casa, meu pai cochilou na pista e *nós* ficamos muito preocupados com essa situação, mas graças a Deus *nós* chegamos bem em casa.

[...]

Eu tive um namorado, meu vizinho, que minha mãe não queria, e por este motivo eu não conseguia de deixar de namorar este rapaz, fiz muita coisa que hoje eu não faria, mentia; apanhei por causa dele, mais não valeu a pena porque hoje *nós* estamos com outras pessoas; já estou noiva e amo o meu noivo ele é uma pessoa muito legal merece toda a minha atenção e também e muito atencioso comigo.

[...]

Quadro 04: Narrativa de experiência pessoal (Parte escrita)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 265-266.

Percebemos que, na escrita, para se referir a primeira pessoa do plural, a nossa informante não empregou a alternância *nós/a gente*, mas optou apenas em utilizar a forma pronominal consagrada pela GT, por exemplo, de Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009), o que mais uma vez caracteriza o “nós” como uma forma mais valorizada no texto escrito.

No entanto, segundo Lopes (1985), o uso de *a gente* é maior entre as mulheres. Assim, tal afirmação é válida para o texto oral de nossa informante 02, uma vez que, preferencialmente, a forma empregada por ela foi a que a estudiosa apontou. Para darmos continuidade ao nosso trabalho, seguiremos analisando trechos de uma outra narrativa.

Informante: 03

Idade: 16 anos

Sexo: feminino

Escolaridade: oitava série (nono ano)

Texto analisado: narrativa de experiência pessoal (parte oral e escrita)

Preti (1974) diz que a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral ou escrita, já que é através dela que o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado; assim, foi por intermédio da língua oral e escrita que nossa terceira informante atualizou-nos sobre sua experiência pessoal, isto é, sua excursão a Maceió. Vejamos:

EXEMPLO 05:

[...] ai **a gente** fomos ... ai **a gente** foi no Maria Bonita ... aí quando chegou lá **a gente** ficamo lá ... aí foi bom ... aí **a gente** ficou ... [...] aí **nós** dançamos né ... aí **a gente** foi pra praia ... Praia do Francês ... é linda ... aí **a gente** fomos conhecer ... o museu ... aquele museu num sabe? [...]

Quadro 05: Narrativa de experiência pessoal (Parte oral)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 337-343.

EXEMPLO 06:

[...]
Quando **agente** chegamos lá trocamos de de roupa e fomos conhecer as praias. Ai o guia mandou para o ônibus para ver que ia tira fotos na praia que tem uma Sereia ai todo mundo disse não.
Depois voltamos para o HOTEL. Antes de tudo isso quando **a gente** ia para Maceió dentro do ônibus teve duas brincadeiras a do piu-piu e amigo(a) secreto(a). [...]
[...]
[...] Ai dentro do ônibus o guia falou que **agente** tinha que dizer tudo ao contrario como era o seu amigo secreto. [...]
[...]

Quadro 06: Narrativa de experiência pessoal (Parte escrita)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 359-360.

Nos trechos exibidos acima, ficou claro que nossa informante usou no registro oral a alternância das formas *nós/a gente*. Por outro lado, a forma pronominal *nós*, que como já afirmamos é a forma consagrada pela norma padrão tradicional, não foi explicitamente empregada em nenhum momento do texto escrito e, nesse sentido, frisamos o que pontua Lopes (1985), o uso de *a gente* é maior entre as mulheres.

Nesse contexto, ressaltamos, nesta pesquisa, que estamos trabalhando não com um “falante-ideal”, observado e manipulado dentro de um laboratório como fazia Chomsky, mas com locutores reais – indivíduos que fazem uso concreto da linguagem. Assim, teremos uma última análise do fenômeno em questão.

Informante: 04

Idade: 19 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: terceiro ano (ensino médio)

Texto analisado: narrativa de experiência pessoal (parte oral e escrita)

Nosso último informante narrou sobre a experiência que viveu durante o período da Semana Santa. Vejamos:

EXEMPLO 07:

[...] nisso **a gente** chegou lá e tudo ... ficou por ali ... foi pro culto logo do início e tudo e **a gente** tem sempre um negócio de:: de ficar sempre contente ... [...] quando **a gente** quer ... quando **a gente** quer alguma coisa e fica naquela ansiedade toda ... e ... e ... tudo ... querendo passar por cima de todo mundo ... [...]

Quadro 07: Narrativa de experiência pessoal (Parte oral)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 175-181.

EXEMPLO 08:

[...]
 O mais interessante nessa história toda, é que eu não procurei meu próprio interesse, e sim o do grupo da minha igreja, talvez por isso tenha sido tão significativo para mim.
 A lição que aprendi é que quando *agente* menos espera acontece as coisas com agente, basta não sermos egoístas e não buscarmos nosso próprio e certamente Deus vai nos conceder o que queremos

Quadro 08: Narrativa de experiência pessoal (Parte escrita)

FONTE: *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal, 1998, p. 205.

Já sabemos que “a língua só tem existência [...] na sociedade, na interlocução”. (GERALDI, 2004); assim, foi na interlocução com o leitor/ouvinte do texto que nosso último informante, ao produzir esses trechos oral e escrito, optou por empregar, constantemente, a forma *a gente*.

A esse respeito diz Martelotta (2011, p.48), “caso a forma [...] sem prestígio comece a ser usada na fala de pessoas com alto grau de escolaridade com frequência cada vez mais alta, isso pode ser um indício de mudança em curso”.

Nesse sentido, lembramos que ele é concludente do segundo grau e, que a forma *a gente* não costuma, como já mostramos, aparecer no elenco dos pronomes pessoais das gramáticas normativas, fato que leva tal forma a ser desprestigiada, ou seja, “perder” seu *status*. Portanto, estamos sim, diante de uma mudança em curso.

8. PALAVRAS FINAIS

Negar a existência das variedades linguísticas no nosso país, ou considerar qualquer uma delas como errada, é o mesmo que negar a existência da diversidade sociocultural do Brasil.

Por isso, nessa pesquisa, foi questionado até que ponto a diversidade linguística está relacionada as variáveis sexo e escolaridade. Também havíamos levantado a hipótese de que nos textos escritos há a predominância do pronome “nós” e, nos textos orais, ocorre a alternância das formas linguísticas “nós/a gente”; ficou comprovado que:

- as mulheres usam com mais frequência a forma *a gente* (80% de ocorrências);
- alunos da oitava série optam pela uso da forma *a gente* (56% de ocorrências);
- nos textos escritos, tanto os alunos da oitava série quanto os do terceiro ano alternaram entre o uso de *nós* e *a gente*, não confirmando parte da hipótese levantada;
- nos textos orais, apenas os informantes da oitava série apresentaram a alternância entre as formas *nós/a gente*, já os do terceiro ano optaram pelo uso de uma única forma;
- língua e sociedade são inseparáveis de modo que uma precisa da outra para existir, já que toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua;
- a maneira como o professor concebe a língua(gem) é uma questão que influencia no ensino e, nesse sentido, ele deve considerar língua enquanto processo de interação e não como o lugar do “certo” e do “errado”;
- a língua não “cabe” nos dicionários e gramáticas em razão de sua diversidade.

Diante de tudo isso, como deveremos tratar os fenômenos de variação e mudança na educação em língua materna?

Defendemos que:

Existem três respostas possíveis: a) desconsiderar as contribuições da ciência linguística e levar adiante a noção de erro, insistindo no ensino da gramática normativa e da norma-padrão tradicional como única forma certa de uso da língua; b) aceitar as contribuições da ciência linguística e desprezar totalmente a antiga noção de erro, substituindo-a pelos conceitos de variação e mudança; c) reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do aluno e da formação de sua cidadania. (BAGNO, 2006, p.28).

Nesse viés, se o professor está decidido entrar na “guerra” contra os tradicionais e, portanto, aceitar as contribuições da linguística, reconhecendo que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum e que isso deve ser empregado em favor do aluno e da formação de sua cidadania como pontua

Bagno (2006), um dos objetivos do ensino de língua portuguesa será não só discutir com um olhar crítico os valores sociais que costumam ser atribuídos as variantes linguísticas como também chamar a atenção para o preconceito que pesa sobre certos usos da língua, conscientizando o aluno de que seu texto oral ou escrito estará sempre passivo a uma avaliação social, quer seja de caráter positivo ou negativo.

Contudo, é confiando no papel que a Sociolinguística tem e, em seus seguidores, que imaginamos um futuro em que não haverá discriminação, nem distinção entre aqueles que “sabem” língua daqueles que “não sabem” língua, já que toda variedade linguística atende às necessidades de seus usuários.

Assim, esperamos que o nosso trabalho tenha contribuído para que a variação linguística, fenômeno tão apaixonante, não seja mais reduzida na tradição escolar e no discurso da mídia a uma moeda de duas faces em que alguém ou fala/escreve “certo” ou fala/escreve “errado”.

LES FORMES ALTERNATIVES *NOUS/NOTRE* DANS LE *CORPUS* DISCOURS ET GRAMMAIRE : UN COUP D’OEIL À LA LUMIÈRE DE LA SOCIOLINGUISTIQUE

Márcio Alves da Silva

RÉSUMÉ

Ce document vise à identifier les formes linguistiques « nous/notre » dans les écrits des élèves/ informateurs dans le *corpus* D&G; analyser comment ça se passe, à partir de textes écrits par des élèves de huitième année et troisième année de l'école secondaire, l'alternance des moyens « nous/notre », compte tenu des variables le sexe et l'éducation dans les textes oraux et écrits, et de contribuer pour l'enseignement du portugais. Par conséquent, nous interrogeons sur la mesure dans laquelle la diversité linguistique est liée au sexe et à l'éducation. Notre recherche a un descriptif et analytique. Nous avons choisi de travailler avec le grade informateurs huitième et troisième année de l'école secondaire, considérant des variables le sexe et l'éducation. Les textes oraux et écrits, objet l'analyse, appartiennent au *corpus* Discours et Grammaire (1998). I/ est considéré comme le récit d'une expérience personnelle produite par les informateurs. Pour cet article, nous travaillons avec seulement quatre sections et leur orales écrit correspondant, compte tenu de la nature de l'étude proposée. Notre travail est justifiée en abordant quelque chose de très important pour la formation continue des enseignants, car cela fera usage d'une théorie/pratique qui préconise des propositions pédagogiques guidés par la corrélation entre la langue et la société, l'analyse des variables linguistiques et les règles en minimisant les préjugés existant dans la société, contribuant ainsi à la nouvelle position de l'enseignant. Notre recherche suit les lignes

directrices théorique de Geraldi (2004) et Travaglia (2001) en ce qui concerne les conceptions de la langue(gem) ainsi que les notions tirées des études de Bagno (2006), Miller (2000), Alkmin (2008) et Lopes (2007) par rapport aux études de la Théorie de la Variation Linguistique et le Changement.

MOTS-CLÉS : La diversité linguistique ; langue et société.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BAGNO, Marcos. Múltipla & heterogênea. In: **Discutindo Língua Portuguesa**. (S/d.). p. 22-27.

_____. Nada na língua é por acaso. In: **Presença Pedagógica**. vol. 12, n. 71, set/out, 2006. p. 23-29.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística (parte II). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. In: **Domínios de linguagem**. vol. 4, n. 2, 2010. p. 173-194.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____(org.). **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004. p 39-46. (Coleção na Sala de Aula).

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LOPES, Célia Regina. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p.103-119.

_____. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. In: **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo: EDUC, 1985 (fev./ago.), vol. I. p.405-422.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramento. In: _____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001. p.15-43.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. A concepção de Língua. In:_____. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 13-20.

_____. A variação linguística. In: **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 57-78.

PRETI, Dino. Língua e sociedade. In:_____. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: Editora Nacional, 1974. p.7.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz. Concepções de linguagem. In:_____. **Gramática e interação**: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-23.

ANEXOS

MARIA ANGÉLICA FURTADO DA CUNHA (Organização)

CORPUS DISCURSO & GRAMÁTICA
A LÍNGUA FALADA E ESCRITA NA
CIDADE DO NATAL

Marcos H. d. S.
UEPB

EDUFRN - Editora da UFRN
Natal, 1998

© EDUFRRN - Editora da UFRN
Campus Universitário, s/n - Lagoa Nova
59072-970 - Natal/RN - Brasil
Tel.: (084) 215-3236 - Fax (084) 215-3206

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

José Ivonildo do Rêgo
Reitor

Ótton Anselmo de Oliveira
Vice-Reitor

Amon Alberto Mascarenhas de Andrade
Pro-Reitor de Extensão
EDUFRRN - Editora da UFRN

CONSELHO EDITORIAL

Amon Alberto Mascarenhas de Andrade (Presidente)

Pedro Vicente Costa Sobrinho
Marizo Vitor Pereira

Oswaldo Højme Yamamoto

Maria Célia Ribeiro Santos de Aguiar

Alessandro Augusto de Azevedo

Renata Passos Filgueira de Carvalho

Ciciliano Leite Barreto

Maria Bérnardete Cordêiro de Sousa

Olavo Oliva

Capa

Catálogo da publicação. UFRN/Biblioteca Central "Zila Mamede"
Divisão de Serviços Técnicos

Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na
cidade do Natal/Maria Angélica Furtado da Cunha,
organizadora. - Natal: EDUFRRN, 1998.
454 p.

1. Linguística - análise da fala - Natal (RN).
2. Linguística - análise da escrita - Natal (RN).
3. Língua Portuguesa. I. Cunha, Maria Angélica Furtado da

ISBN 7273-084-2 CDD 410
UF/RN/BCZM 23/98 CDU 800.85 (813.12)

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
Introdução.....	11
Informantes do TERCEIRO GRAU.....	21
Informantes do SEGUNDO GRAU.....	175
Informantes da OITAVA SÉRIE.....	303
Informantes da QUARTA SÉRIE.....	388
Informantes da CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO.....	427

Informantes do SEGUNDO GRAU = (Entrevistas M. Solange)

Nome

1. Gerson
2. Gustavo
3. Rosemeire
4. Solange

Informante 1: Gerson

Sexo: masculino

Idade: 19 anos

Data da coleta: oral - 16/4/93, 23/4/93, 30/4/93, 01/5/93, 08/5/93;
escrita - 23/4/93, 25/4/93, 30/4/93, 01/5/93, 20/5/93

⇒ PARTE ORAL

⊗ Narrativa de experiência pessoal.

E: Gerson ... é:: as pessoas geralmente passam assim por experiências né na vida pessoal e essas experiências ficam assim guardadas é ... na nossa vida e a gente gosta de contar ... né? você já deve ter passado por algumas e:: você poderia assim me contar uma que realmente marcou? pode ser que não tenha marcado mas que vai ficar muito tempo como uma experiência da sua vida ...
I: a mais recente foi uma experiência que eu tive no congresso da: da JUBALESTE né ... a Juventude Batista da Associação Leste ... né ... no ... na semana santa ... eu tava ... eu num tava muito interessado ... tava interessado a princípio ... mas depois ... quando foi chegando perto eu num ... num tava acreditando que ia ser bom ... né e tudo ...

E: onde foi?

I: num ... foi em Canguaretama ... aí ... então quando eu chei/conheço muita gente nas outras igrejas e tudo ... gosto de fazer amizade e tudo mais e sem interesse nenhum assim depois de ... de ganhar qualquer coisa em troca por essas amizades ... mas ... voltando ao assunto eu tava desanimado né e quando eu cheguei no ônibus ... o

ônibus lotado e tudo e já tinha algumas amigas minhas ... tavam lá atrás e foram logo me chamando ... "Gerson ... vem pra cá ... pra cá cantar" ... não sei quê ... não sei que mais lá ... e eu tava com um menino ... o Sandrinho ... né ... o Sandrinho tava com o violão e com Hélio também ... aí: tava com o Sandrinho ... com o Hélio no violão né ... então eu já puxei o Sandrinho e tava sem violão lá atrás e tudo no ônibus ... e eu puxei Sandrinho pra lá e comecei a cantar corinho e tudo ... cantar música lá do Catedral e tudo mais ... aí a galera foi começando já ... a me conhecer e tudo mais né ... tinha gente que eu nem conhecia e falava comigo só por eu conhecer algumas músicas e essas pessoas/ e essa pessoa me conhecer ou essas pessoas conheciam e eu ... eu não conhecia e por aí né ... aí foi ... pegando mais amizade com o pessoal e tudo ... nisso a gente chegou lá e tudo ... ficou por aí ... foi pro culto logo do início e tudo e a gente tem sempre um negócio de: de ficar sempre contente ... eu pelo menos tenho um negócio de sempre ficar contente ... de cantar muito ... de: de mexer muito quando eu tô cantando e tudo ... aí por isso as pessoas já começavam a me notar ... já começavam a olhar pra mim e não sei quê e falava ... "mas Gerson tu é doido ... ficar dançando nessa ... com essas músicas" ... e tudo mais ... aí ... eu posso ... eu tenho que explicar por que as pessoas ... E: eu quero saber por que eu num fui no congresso ... eu quero saber ...

I: não ...

E: tem ...

I: não ... bom porque ... me ... me criticavam algumas pessoas ou então estranhavam porque ... num é comum dançar em música evangélica ... né ... se mexer em música evangélica ... bater palmas ... fazer coreografia e tudo mais ... não entanto eu faço isso ... né ... faço e num ligo pra quem tá olhando pra mim ... mesmo porque eu num tô fazendo pra ... pra quem tá do lado pra olhar ... pra quem ... tá do lado ver e qualquer coisa desse tipo ... e se tá incomodando ... se incomoda gravemente aí eu paro ... mas se num incomoda ... é só uma questão de ... de ... de ... de conceito que cada um tem ... eu num ... num tem pra que parar ... então eu continuo e tal e na

primeira noite a gente dançando lá ... eu ... Mirtes também ... Júnior ... algumas pessoas lá se mexendo e tudo mais ... aí o pessoal já começava a estranhar ... mas mesmo assim continuava a amizade com a gente ... daí por aí foi o congresso todinho eu querendo fazer amizade com todo mundo ... certo que tem ou ... que tem vez que eu brigo e tudo mais ... brigava com algumas pessoas ... com uns meninos lá ... que: que tirava brincadeira sem graça comigo ... aí eu brigava ... discutia ... ficava sem falar com o cara ... teve um cara até que: que brigou comigo ... de Pamamirim ... brigou comigo mas depois veio pedir desculpas e tudo mais ... não sei que mais lá ... eu também pedi e por aí foi ... né ... a rissação de seda danada ... mas ... foi aí ... aí: o que que eu ia dizer? ... sim ... aí tem umas pessoas que briga ... tem outras pessoas que faz amizade e tudo mais ... mas ... geralmente é as meninas ... né ... pou/ pouca gente ... poucos meninos fazem amizade comigo ... geralmente as meninas e tudo fica brincando e eu sou muito palhaço ... brinco ... faço piada com tudo e não sei que e solto piada com o pessoal da minha igreja e tudo mais ... aí por aí vai e sempre passando o tempo ... passando o tempo e eu querendo participar mais ... de mais coisas e tudo ...

E: do congresso ...

I: do congresso ... participando das coisas do congresso ... participando de peça ... de tudo ... teve uma peça lá que eu fui ser o diabo ... aí no ensaio ... fingindo ... né ... que ia ser o diabo ... e no ensaio eu fiz muita palhaçada e tinha gente assistindo o ensaio e começou a rir e tudo mais ... e o presidente da: da JUBALESTE é: acompanhando isso tudo e tudo e olhando ... observando e eu sempre trabalhando porque eu tenho o prêmio da melhor UNJOJEM ... né ... e eu sempre trabalhando ... batalhando pra justamente a UNJOJEM ... a minha ... a minha UNJOJEM ganhar esse prêmio ...

E: que é UNJOJEM?

I: UNJOJEM é uma União de: de Jovens da Igreja né ... UNJOJEM do Satélite ... é União dos Jovens da Igreja do Satélite ... da Igreja Batista do Satélite ... aí por aí vai ... aí ... aí ... nisso tinha a premiação pra UNJOJEM e eu tava trabalhando pra

conseguir isso aí ... mas nunca pensando em coisas pra mim e tudo mais ... a única coisa que eu queria ganhar com aquilo tudo era só amizade pra mim ... só isso mesmo é ... é ... é ... participava de algumas coisas como eu tava falando ... né ... participava e tudo e muita gente brincando comigo ... "mas ... Gerson tu é doído mesmo ... participa de tudo e mexe com isso e mexe com aquilo ... é tudo mais" ... e eu sempre brincando ... às vezes eu tinha que carregar umas coisas com o pessoal da minha igreja ... do grupo jovem da minha igreja e eu sempre ficava reclamando ... "mas eu sou burro de carga dessa igreja ... sou burro de carga dessa igreja" ... mas ... pelo jeito eu gostava de fazer aquilo porque é o meu jeito mesmo de ficar ajudando os outros e tudo mais ... não é ... olha aí ... é: aí ... mas ... eu sempre falava aquilo brincando ... eu falava que era burro de carga ... reclamava ... mas ... brincando ... no fundo ... no fundo ... eu até gosto de ajudar ... tomara que eles não ouçam eu falar isso porque senão ... porque senão vão querer botar as coisas em cima de mim ... mas ... de todo jeito ... aí por aí ... né ... e no final das contas ... já no último dia ... eu fiquei sabendo que a gente tava concorrendo com três igrejas só ... né ... de várias igrejas ficamos mais perto de ganhar ... né ... a minha igreja e mais duas igrejas e ... e ... aí já começou a ficar mais animado e tudo porque eu queria esse prêmio de todo jeito pra ela ... lá pra igreja ... né ... no último dia já tinha acontecido uma coisa ... já muito interessante pra mim porque eu queria participar do cargo ... quer dizer ... abriam ocasião lá pra um cargo pra presidência da diretoria da JUBALESTE ... que todo congresso tem uma eleição ... né ...

E: JUBALESTE ... é?

I: Juventude Batista da Associação Leste do estado ... aí ... sempre todo congresso tem uma nova eleição ... né ... e nesse ... sim ... tava tendo lá ... né ... a gente tinha uma chapa que de última hora desistiu um cara lá ... Ribamar ... aí desistiu e começou a eleger ... quer dizer ... teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... e teve uma pessoa que chegou pra mim e perguntou ... "Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo?" num sei quê ... eu disse ... "não ... num aceito não porque ... eu num tô

achando que ... acho que num tô preparado para esse cargo não" ... no entanto ... eu tinha vontade de participar e tudo ... fiquei arrependido de ter dito ... né ... porque também num gosto de ser muito convencido não ... sabe ... eu pensei em dizer ... "não ... pode botar que eu quero e sou capaz de fazer isso" ... num gosto de ser assim não ... mas ... aí fiquei na minha ... né ... aí daqui a pouco um cara que num ... que não ... me perguntou se eu queria ou não ... chegou e indicou ... "eu indico o nome de Gerson e tudo" ... da igreja do Satélie" ... tudo mais ... e ... eu fiquei calado também num recusei né ... num recusei em público e tudo fí/ aceitei a ... o cargo ... o cargo ... aí depois foi votado com outro menino lá ... Edritel ... e eu findei ganhando ... acabei ganhando o cargo e tudo ... a eleição lá ... uma mini-eleição pra cargo e fiquei no cargo ... isso já foi uma coisa bem interessante ... né ... que aconteceu ... aí ... mas a surpresa maior foi à noite ... né ... () a gente tava conversando ... tava conversando com Regina e tudo mais ... aí a gente perguntando ... que ela era uma das pessoas responsáveis pela comissão lá que decidia () e Regina se ... se podia ... se ... se ela sabia de alguma coisa sobre a UNIJOVEM ... se a UNIJOVEM tava na frente ou qualquer coisa desse tipo ... aí ela disse ... "eu num vou dizer nada não ... eu já sei quem foi que ganhou ... eu num vou dizer não ... e vocês vão ter uma surpresa" ... tava conversando eu e a Elis ... minha sobrinha ... com ela ... aí ... aí a gente ficou assim ... eu fiquei ... eu fiquei curioso pra saber ... mas eu também não deixei ela falar ... pa ... pa ... pra curiosidade ser melhor ... aí ... chegou à noite ... pra gente naquela formalidade toda ... teve culto e tudo mais ... aí começou a entrega do prêmio e tudo mais ... aí entregou para o campeão de futebol de salão ... sim ... um detalhe ... teve uma social lá na sexta-feira à noite teve uma social e tudo ... foi o maior agito ... modéstia à parte ... agitados demais ... né ... cada um com seu grupo ... né ... eu findei perdendo mas fiquei satisfeito por ter agitado toda a galera ... é ... no sábado começou aquela formalidade e tudo ... entrega de prêmio e tudo mais ... aí ... de repente o cara disse ... "esse ano ... o presidente ... né ... o Daniel ... ele é quem faz o balanço ... "vocês esse ano vão ter uma premiação diferente ... não como todos os outros anos ...

mas ... tem esse ano ... eu quero o congressista modelo ... não é ... o congressista que mais participa ... que tava presente em tudo ... que tá sempre ali ajudando a algum jovem ... a organizar as coisas ... as outras () e tudo mais ... então eu observei, isso em uma pessoa ... aí a gente queria entregar o prêmio a uma pessoa ... a gente vai chamar o pastor Martins que é pastor da igreja pra entregar o prêmio a essa pessoa" ... aí Regina chegou e disse bem assim ... "é Gerson ... pastor Antonio Martins não sabe quem é não?" aí eu pensei que era Júnior ...

E: por que?

I: porque Júnior tinha ganho o vestibular ... bíblico ... teve o vestibular bíblico e Júnior tinha ganho ... e Júnior é da minha igreja ... né ... aí ... eu pensei que era Júnior ... mas no fundo ... no fundo eu ainda dei uma pensadinha que era eu ... mas aí eu num ... num veio nem na mente ... pensei até ... eu num acreditei que ... o pastor ... tivesse sido chamado lá para frente para entregar um prêmio para uma pessoa da igreja dele ... entendeu? ... poderia ter sido de outra igreja e tudo mais ... era o pastor da igreja que tava ali ... ele poderia ter chamado qualquer outro pastor ... aí quando ele disse ... "eu vou chamar o pastor Martins porque ele é pastor dessa pessoa" ... aí eu já fiquei tremendo nas bases ... aí ... ele disse bem assim ... "todo mundo já sabe quem é?" aí a galera ficou calada e não sei quê ... aí eu só olhei para ele e só falei chorar ... fiquei emocionado e tudo mais ... a galera aplaudindo e tudo mais ... é eu fui lá ... receber um livro e tal ... agradecei lá todo envergonhado ... a galera pegando no meu pé e tudo mais ... mas ... é: eu acho que foi isso aí ... a última coisa que aconteceu de importante na minha vida foi isso aí ... é: uma coisa bem gratificante ... que é um ... eu num esperava ... foi uma coisa de surpresa ... eu num procurei nada disso ... num tava pensando em fazer isso ... porque quando a gente procura ... tem aquela ansiedade de ser o melhor ... nunca consegue ... né? mas ... quando a pessoa ... quando a pessoa esquece ... num liga para essas coisas ... aí ... foi isso mesmo que eu aprendi ... né ... que ... quando a pessoa não liga pra certas coisas ... aí ... acontece sem a pessoa nem ... mais nem ... esperar ... sem interesse nenhum e findei lucrando com isso ... né

... questão de prêmio num poderia me dar nada ... nem um confeito se num me desse nada ... bastava ganhar a homenagem ali ... que num ... eu num queria aquela: quer dizer ... eu num esperava aquela homenagem não ... mas foi interessante e até hoje eu num esqueço ... né ... da homenagem que o pessoal fez lá para mim ...

E: qual foi a lição que você tirou para sua vida?

I: foi isso justamente ... que ... quando a gente quer ... quando a gente quer alguma coisa e fica naquela ansiedade toda ... e ... e tudo ... querendo passar por cima de todo mundo ... porque tem gente que quando sabe que tem um prêmio desse ... fica naquela ansiedade ... quer passar por cima de todo mundo ... quer derrubar acaba não sendo o melhor ... acaba sendo ... é: como é que chama? criticado ... é ... é ... odiado ... o pessoal fica com raiva daquela pessoa porque ele quer ser o melhor e tudo mais e: e acaba num conseguindo aquilo que quer ... né ... e quando a pessoa nem liga ... nem mais espera ... tá ali ... por tá ... fazendo porque quer mesmo ... num tá com interesse nenhum ... aí é que consegue ... entendeu? ... eu acho que ... o que eu aprendi é isso aí ... a simplicidade ... a ... como é que chama? ... deixar tudo pra ... você passa tudo que ... que ...

E: que está a seu alcance ...

I: é exatamente ... sem interesse nenhum ... tem que fazer ... se ... se você tem vontade de fazer ... faça ... se for uma obrigação você não faça se você não quiser fazer não faça ... tá entendendo? ... e em determinadas ... em determinadas ... em determinadas coisas ... né ... porque tem umas coisas que é obrigação ... você não quer fazer mas você tem que fazer ... mas ... esse tipo aí de coisa aí que ... E: você pode escolher ...

I: ou se quer ou não ... entendem? ... porque você: eu sabendo do prêmio ... eu poderia muito bem escolher se eu queria ganhar ou não ... se eu queria batalhar ou não ... então se você: se fosse uma coisa à força ... se você quisesse ajudar uma pessoa à força só para ganhar o prêmio ... nem faça ... porque você acaba sendo falso ... então ... qualquer coisa assim ... foi isso que eu aprendi ...

enquanto quarenta por cento ... vai ... quarenta por cento que é de escola particular vai de todo jeito para a escola ... entendeu o que eu quero dizer? tem sessenta por cento do total de cem por cento ... tem sessenta por cento de escola ... ((interrupção)) ... bem é o negócio do sessenta por cento ... se tem :: eu achava o seguinte ... uma forma o seguinte ... se tem sessenta por cento de escola pública e quarenta por cento de escola particular ... fazia um total de alunos com as melhores notas ... sessenta por cento desses alunos teria que ser da escola pública e quarenta por cento da escola particular ... mas uma forma mais simples ainda é essa ... existem alunos na escola pública que podem tirar as mesmas notas ou melhores que os alunos da escola particular ... então ... você fazia uma média de seis a dez ... entra na faculdade só se for de seis a dez ... então de seis a dez o aluno vai ter que tirar ... se tirar menos ... pode ser a maior nota do colégio público ... mas não sendo de seis a dez num entra na faculdade ... então acho que é uma forma simples e eficaz ... eu acho que: quer dizer ... eu concordo plenamente com o sistema dos Estados Unidos e achava que aqui deveria ser assim também no Brasil ...

PARTE ESCRITA

⇒ Narrativa de experiência pessoal

A última experiência que vivi foi na última Semana Santa e foi uma das mais gratificantes que já passei.

A cada dois anos se realiza na Região Leste do Estado um congresso de jovens organizado pela diretoria da "jubaleste" (Juventude Batista da Associação Leste), denominado conjubaleste

Nesse congresso existe variadas premiações entre elas a de melhor "unijoventi" (união de jovens), como todo mundo, eu estava trabalhando para ajudar a minha unijoventi a ganhar o prêmio. Eu tenho muita facilidade de fazer amizades e gosto disso, e antes de chegar em Cangaretama (local do congresso) fui logo fazendo amizades com a turma das outras igrejas que estavam comigo no ônibus.

Com várias programações no congresso eu me animava mais ainda, e sempre participava de todas e as pessoas, meus amigos, gostavam das minhas brincadeiras

Em nenhum momento, no congresso, procurei buscar ou ganhar algum prêmio para mim, sempre pensando na minha unijoventi.

Esse ano criaram um novo prêmio para ser dado no congresso, o de congressista modelo. Este prêmio é dado para aquele congressista que mais se destacou durante o congresso e em fui escolhido o melhor. Esse prêmio foi surpresa para muita gente inclusive para mim!

O mais interessante nessa história toda, é que eu não procurei meu próprio interesse, e sim o do grupo da minha igreja, talvez por isso tenha sido tão significativo para mim.

A lição que aprendi é que quando agente menos espera acontece as coisas com agente, basta não sermos egoístas e não buscaremos nosso próprio e certamente Deus vai nos conceder o que queremos

Narrativa recontada

Esse livro conta a história de uma menina com muitos complexos. Ela se achava feia por ser gorda e ter muitas espinhas no rosto.

Isabel se apaixonou por seu primo ele por uma amiga dela, a Rosana. Depois de um tempo Rosana também se apaixonou pelo primo de Isabel.

Isabel inspirada no seu sofrimento começa a fazer poesias para desabafar. Rosana sabe que ela tinha esse dom de escrever pede para Isabel escrever poesias para o seu primo no seu nome. Ricardo se apaixonou mais ainda por Rosana e, querendo retribuir as cartas e poesias pede para a mesma Isabel escrever outras cartas para Rosana. Isabel, não querendo magoar nenhum dos dois, vai fazendo as cartas e sofrendo cada vez mais.

Como se não bastasse há uma determinada hora na história que acontece um assassinato o de um professor muito querido dos alunos da escola. Em um de seus ataques de ciúmes

É um assunto que pode parecer simples, muito se deixam levar pela emoção, mas esse tema deve ser observado e analisado com muito cuidado.

Devemos levar em conta que a justiça não é perfeita, e muito menos os presídios, pois quais os presos que entram só pioram, as vezes aprendem a matar lá dentro, além de não produzirem absolutamente nada, esses presídios deviam ser agrícolas ou industriais, para que estes presos produzissem para compensar os crimes bárbaros que foram cometidos.

Por mais bárbaro que tenha sido o crime, será que esse preso não seria mais útil se trabalhasse para ajudar o estado e a família do criminoso? Essa é uma questão que causa dúvida, muitos dizem que isso é teórico e não se realizaria na prática, para mim isso não é motivo para não se tentar.

Será que um homem não poderia ser morto injustamente, isso seria um erro irreparável, além disso um homem não tem o direito de tirar a vida de ninguém, nesse caso estaria se equivalendo ao criminoso.

Por esses motivos e outros, eu sou totalmente contra a pena de morte, apesar dos vários crimes bárbaros que acontecem todo dia pelo mundo, para mim o criminoso seria muito mais útil a família do assassinado, e sofreria mais, sem dúvida, se fosse trabalhar para a família dessa vítima até o último dia de sua vida

* Informante 3: Rosemãire

Sexo: feminino

Idade: 19 anos

Data da coleta: oral - 28/3/93, 30/3/93, 08/4/93, 10/4/93; escrita - 28/3/93, 30/3/93, 08/4/93, 10/4/93

⇒ PARTE ORAL

• Narrativa de experiência pessoal

I: eu vou contar duma viagem que a gente fez ... hoje faz quinze dias ... lá pra casa de minha avó ... sabe? Bom Jesus ... aí quando

meu pai chegou lá ... no Bom Jesus começou beber umas ... né ... deu assim uma hora da tarde aí ele veio almoçar ... e: só dormiu um pouquinho depois do almoço ... num foi suficiente pra ele ficar bom ... né? Lúcido de novo ... aí a gente veio ... no caminho ... o carro ficava no meio da pista ... no meio da pista e a gente tudo preocupado ... parecia que eu que vinha dirigindo sabe? ficava bem atenta ... aí eu batia assim no meu irmão dizendo que ele tava no meio da pista ... o carro ... aí ele voltava ... meu pai ... depois vinha de novo o meio da pista ... minha ... isso minha mãe olhando pra trás ... pra ver se vinha algum carro ... né ... atrás ... e eu olhando pra frente e Emerson também ... menina ... um apereito tão grande ... eu sei que meu pai ... ainda cochilando no meio do caminho ...

E: dirigindo?

I: dirigindo ... aí na hora minha mãe ... bateu assim nele ... aí ele ... "que foi?" minha mãe ... "lá cochilando" ... "eu não" ... mas menina a gente ficou super apereado porque ... no meio da pista ... imagine só ... se viesse assim de bêbo ... que às vezes você tá ... numa ladeira ... isso nas ladeira ele ficava no meio da pista ... eu sei que eu cheguei assim ... e eu com figa toda hora ... toda hora ... com medo de acontecer alguma coisa ... porque ... parece que é uma coisa ... toda vida que a minha mãe tá esperando um filho ... aconteceu um acidente ... porque quando tá/tava grávida de Patrícia ... minha mãe tava grávida de Patrícia ... aconteceu um acidente ... ela com oito meses ... e quando ela tava me esperando ... também aconteceu outro acidente ...

E: você pode contar como é que foram esses acidentes?

I: o meu ... que já foi contado né? porque eu tava dentro da barriga ... ((risos))

E: é ... realmente ... o seu você não sabe ...

I: mas aí minha mãe me contou que foi assim ... e ela já tava sentindo dores ... né ... pra ganhar ... minha mãe já tava com nove meses completo ... tava sentindo dores ... então ... minha vó ... a mãe dela ... tava lá em São Paulo ... que ela mora aqui em Bom Jesus ... pra passar uns dias com minha mãe ... porque quando ela ... quando eu nascesse ... ela ia ajudar ... né? só que a minha avó tava na casa do

primo da minha mãe ... quando eles foram buscar minha vó ... aí começaram e tudo ... e na volta ... esse meu ... primo da minha mãe tava meio bêbado ... mas insistiu e trouxe minha mãe ... isso já era de noite ... minha mãe ... meu pai ... meu tio ... irmão da minha mãe ... e minha tia também ... irmã da minha mãe ... eu sei que minha família ... dentro do carro ... aí quando vinha ali no rio Tietê ... num sei se você conhece ... já ouviu falar ... lá de São Paulo ... quando vinha lá do rio Tietê ... tava chovendo muito ... a pista escorregadia ... né? aí ... o carro perdeu o controle ... o motorista perdeu o controle ... né ... aí na hora que ele viu o carro começou a ... do lado pro outro ... quando ele viu que o carro ia cair dentro do rio ... aí ele ... colocou o carro num: assim ... pra cima de outro carro ... que tava um casal de namorado assim ... namorando ... assim fora sabe? tava chovendo muito ... mas parece que tavam conversando só ... quando viu que o carro vinha pra cima ... aí saiu o casal ... aí o carro bateu no outro ... foi assim que ainda num caiu no rio ... o carro ia cair no rio ... aí eu sei que minha tia se machucou todinha ... que ela vinha no banco da frente ... aí quando meu pai viu que o carro ia virar ... aí ... virar não ... que ia bater ... aí ... segurou a barriga da minha mãe ... e empurrou o banco da frente que minha tia estava ... o empurrão foi tão grande que ela entrou pra dentro das ferragens do carro ... aí eu sei que ... e ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra tirar ela de dentro do carro ... o motorista ... primo da minha mãe quebrou ... o ... a cara toda ... o rosto ... sabe? ficou só os pedaços ...

E: deformado ... praticamente ...

I: deformado ... num sabe? teve que fazer uma plástica ... porque ... era assim os pedaços do rosto dele ... sabe? que o vidro ... na hora ... bateu todinho no rosto dele ... minha mãe só machucou o joelho ... porque meu pai segurou ... na hora né? minha vó ... que ... que minha vó também vinha dentro do carro ... até esqueci de falar ... aí quebrou os lábios todinhos ... também ficou assim ... caiu os pedaços ... minha vó também tava sem enxergar ... porque ela tinha ido fazer uma operação também ... porque ela ... no momento ... agora ... tá sem ver ... porque fez a operação mas não

deu resultado ... porque ela levou uma pancada muito grande ... E: será que hoje ... ela é cega né? será que é por causa ... foi feito também?

I: foi ... porque o médico disse que ela não podia levar nenhuma pancada ... ela já tava enxergando um pouquinho ... mas aí ... com essa pancada ... aí pronto ... acabou como udo ... sim ... aí minha mãe ... meu pai também tava ... aí ... machucou na testa ... meu tio também ... aí na hora minha mãe foi pro hospital ... aí me ganhou no mesmo dor ... meu pai levou ela pro hospital ... aí me ganhou no mesmo dia ... minha mãe ... e da minha irmã ... a gente tinha ido pra: Baixa Verde ... aí lá tinha uma vaquejada ... meu pai foi ... começou a beber ... começou a beber ... isso a gente tinha um Passat ... sabe? começou a beber ... e minha mãe morrendo de medo porque ... ele ia beber muito e pra voltar ... de noite era muito perigoso ... mas mesmo assim ... a gente veio ... pra Natal ... mas na vinda a gente passou em Ceará-mirim porque ... minha vó mora lá ... sabe? e minha tia tava com a gente ... aí a gente passou lá ... quando chegou lá dentro eu chamei uma tia minha ... vô insistiu muito pra gente dormir lá ... mas meu pai queria vim de qualquer maneira ... aí viemos ... quando vinha em Maçaranduba ... que é bem pertinho já aqui de Natal ... num sei se você conhece ...

E: já ouvi falar ...

I: aí eu sei que o carro ... o eixo do carro quebrou ... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes ... quatro vezes ... eu ... fraturei o braço ... machuquei o rosto ... porque eu levei uma pancada muito grande ... porque eu vinha dormindo ... o Emerson num teve nada ... meu irmão ... e: minha tia ... essa do primeiro acidente ... que entrou nas ferragens ... vinha no carro ...

E: de novo ...

I: de novo ... fraturou a cabeça ... dessa vez os osso saiu pra fora ... do crânio ... aí ... e minha mãe se machucou toda ... menos a barriga ... e meu pai ... caiu dentro dos matos ... minha filha ... vinha embriagado ... né? se machucou todo assim ... as costa ... porque na hora ele saiu rolando ... aí teve que ... arranjaram uma luz de gás ... porque em Maçaranduba ... nessa época não tinha luz ... sabe? energia elétrica ... aí eu sei que ... foi o maior sufoco ... o meu pai

espumando sabe? porque ele tava embriagado ... pensava que ele já tava morto ... aí a gente ... minha mãe pedindo socorro no meio da rua ... só quem ficou assim ... acordada foi minha mãe e o Emerson ... e a gente tudo morto ... como mortos ... minha mãe pedindo socorro ... aí passou um cânto de reportagem ... o ... foi logo tirando fotografia de todo mundo ... aí a gente veio pro Walfredo ... eu fiquei dois dias internada ... meu pai ficou também ... dois dias ... minha mãe foi pra casa ... e ficou meu irmão e minha tia ficou internada ... foi um sufoco ... aí a Patrícia nasceu com um mês ... depois ...

E: é: você bateu com a cabeça ... seu pai também ... num teve nenhum problema não?

I: não ... ele bateu com a cabeça ... aí foi uma pancada interna ... por isso que ele ficou internado ... mas saiu antes do dia ... foi um sufoco ... ele passou muitos dias assim ... sabe? aéreo ... pessoa chegava lá em casa ... "tudo bem Bigode?" aí ele ia dar dinheiro pra pessoa ... você acredita? era desse jeito ... e quando ele: ele saía assim de pé descalço ... sabe? pra todo canto ... e num dizia pra onde ia ... saía sem camisa ... ia pro supermercado fazer feira ... ia assim por instinto ... sabe? num dizia nada pra ninguém ... passou quase uma semana ... e desse mesmo jeito ele foi pra Belém fazer um curso ... porque ele trabalhava na Mol Sul nessa época ... é uma firma ... contratada pela Petrobrás ... aí ... tava tudo marcado pra ele ir pra Belém ... sabe? antes do acidente ... ele foi mesmo assim ... passou no curso ... doído desse jeito ... sabe? porque ele tava doído ... todo mundo dizia que ... tava doído mesmo ... o pé desse tamanho ... ficou inchado ... ele calçou o sapato e viajou ... e passou no curso ... minha mãe dizendo ... "agora ele num passa não ... do jeito que ele tá doído" ... mas foi assim ... a situação ... minha mãe já passou por poucas e boas ... aí depois desses dois acidentes ... ela fica com medo ... né? qualquer coisinha assim ... ela fica ...

E: e justamente agora que ela tá grávida ...

I: exatamente ... não pode ... facilitar não ...

E: a sua tia teve o osso ... também saiu foi ... e ela num ficou com nenhum problema não?

I: não ... fez uma cirurgia na cabeça ... lá no Walfredo ... e aí deu tudo certo ... mas ... ela tinha o cabelo lindo ... sabe? mas aí leve que raspar todo ... porque ... cirurgia você sabe como é que é né? foi bem aqui no meio ...

E: no meio mesmo ...

I: no meio mesmo ... ela ficou como morta ... sabe? ninguém dizia que ela ia escapar não ... porque na cabeça minha filha ... num é mole não ... hoje em dia ela tá aí ... firme e forte ...

E: ela andava ... tava no carro ... nesse dia ... nessa última vez não ... né?

I: nesse dia não ... não ... graças a Deus não ... mas graças a Deus correu tudo bem ... porque ... viche ... eu vinha com o coração na mão ... sabe? na mão mesmo ... porque é muito triste a pessoa ... se eu soubesse dirigir ... por isso que é bom ... a pessoa saber dirigir ... né? porque numa hora dessa ... "pai vá pra trás que eu vou aí pra frente" ... trazia o carro tranquilamente ... mas num sei ... num sei nem pra onde é que vai ... sei algumas coisas ... mas assim pra trazer o carro ... de repente ... ia ser muito pior ...

E: você que ia bater ... e ele não admite você ... é: dizer pra ele não beber numa ocasião dessa ...

I: não ... tá certo ... que beba ... mas ... na hora ... assim ... praato ... ele chegou lá em Bom Jesus era umas oito horas ... aí começou a beber de oito a uma ... sabe? quer dizer ... oito horas ... quando desse doze ... "hã ... vou almoçar ... vou tomar um banho ... almoçar e vou dormir" ... porque quando ele acordou assim umas quatro horas ... já tava ... bom ... né? porque já era tempo suficiente pra ele ficar bom ... mas não ... ele num dormiu nem meia hora ... só deitou aí quando acordou ... "vamo embora ... vamo embora" ... é assim ... aí minha mãe num podia dizer nada ... porque se a gente disser que não vem ... ele deixa a gente lá e vem sozinho ... é ... é assim ... quando ele quer fazer uma coisa minha filha ... num tem quem empate ... meu pai tem um gênio muito ... ele não gosta de ser mandado ... sabe? eu acho que eu tenho algumas coisas dele também ... porque ... minha mãe às vezes fica ... "onde é que tu tava?" ... num sei que ... porque eu vou pro colégio ... às vezes ... pro colégio não ... pro trabalho ... aí já sato de seis lá ... às vezes eu

chego de sete e meia ... oito horas e minha mãe já fica perguntando ... "onde é que tu tava?" me dá uma raiva ... né? porque ... olha ... eu detesto essas coisas ... eu num admito também ... que mãe ... namorado ... fica ... sabe? pressionando ... é ... controlando ... "O que que você fez? por que você fez isso? pra onde você vai?" eu num gosto disso não ... me sinto mal ... eu sou uma pessoa assim que quero viver assim ... depen/independente ... sem ninguém assim ... porque me dá logo raiva ... se eu casar com um homem assim ... eu acho que eu me separo logo ... logo porque ... porque ... é muito triste ... a liber/ a liberdade é uma coisa muito importante ... você viver assim ... dando satisfação a ... a tudo ... bom a pessoa ter confiança em você ... tanto a mãe ... como o namorado ... qualquer pessoa ... que confie em você ... não ... toda hora perguntando ... pra onde é que você vai ... o que você fez ... o que deixou de fazer ... isso é triste ...

E: é mesmo? ... eu já sou o contrário ... eu já gosto ... eu já gosto de ... por mim mesma dou satisfação ... do que eu faço ...

I: e dá?

E: dou ... eu mesma ... assim ...

I: pois eu não ... pronto ... numas partes eu concordo com você ... você dá porque você quer ... pronto ... tem dia que eu chego e ... "mãe eu ... tal lugar" ... mas tem dias que eu num gosto de dizer ... sabe? porque eu já tô abusada ... já sabe de onde é que eu venho ... aí fica perguntando aí ... aquilo vira rotina sabe? e é ruim porque você bota em costume ... e ... eu coloquei costume na minha mãe me aborrecer ... porque às vezes ela não concorda e fica soltando piada ... num sei o quê ... sabe? aí eu num gosto dessas coisas ... porque se a pessoa num concorda ... diga uma coisa assim ... que vai lhe ajudar ... dê um conselho que vai lhe ajudar ... que você vai ver realmente que ... que num é certo ... né? mas você ficar criticando você não vai a lugar ... a lu/ a lugar nenhum ... pelo contrário ... você vai se irritar e dizer ... "eu vou fazer só pra ver se ..."

E: só de ódio ...

I: só de ódio ... aí eu já botei muito costume na minha mãe ... sabe? eu namorei muito tempo com: esse vizinho aqui ... lá da outra

casa ... ela num queria ... sabe? mas só em tanto ela dizer que não queria ... aí que eu namorava mesmo escondido ... namorava escondido mesmo ... apanhei por causa dele ... sabe? tudo ... tudo por ele ... e não valeu a pena ... realmente ... num valeu ... mas pelo menos eu fiz o que eu queria ... isso é que im/ importa pra mim ... sabe? porque a vida num é ... num é um mar de rosas ... né? se você ... se fosse era muito bom ... porque tudo que você ... você fizesse ... você tivesse certeza que ia dar certo ... era muito bom ... mas você não ... você tem que ... passar por aquilo pra ver ... se der certo ... melhor ainda ... se num der né? levantar a cabeça e seguir em frente ... foi o que aconteceu comigo e ele ... sabe? mas eu fazia tanta loucura ... sabe? por ele ... namorava escondido ... mentia pra minha mãe ... disse que ia ... dizia pra ela que ia prum lugar ... num ia ... sabe? ia me encontrar com ele ... era o maior chafurdo ... e assim a gente passou um ano e cinco meses ... nesse sufoco ... muito tempo né? mas ... depois que: porque ... o namoro da gente foi assim se defasando porque eu não podia sair com ele ... sabe? minha mãe me prendia muito ... era um namoro assim ... muito ... no dia que dava ... dava ... no dia que num dava ... num dava ... porque ... eu num podia tá ali ... perto dele ... toda hora sabe? se fosse um namoro assim ... que minha mãe não ligasse ... que eu pudesse sair com ele ... como eu saio com esse de agora ... já tô até noiva né? dele ... é uma coisa assim mais ... madura ... sabe? saio com ele ... minha mãe nem liga ... aí a convivência é maior ... mas com esse outro ... pra você ver ... um dia desse eu tava me lembrando ... ontem mesmo ... eu tinha vergonha de comer na frente de Alexandre ... às vezes a gente ia lanchar ... e eu ficava entalada ... era ... e com ele não ... O Tarcísio ... sabe? nem sinto vergonha ... pelo contrário ... como ... aí como ainda mais ... mas com ele ... uma vez eu fui lanchar com ele ... ali no Pits Burg onde era ali no shopping ... é: Cidade do Natal ... né?

E: Cidade Jardim?

I: não ... aquele em frente ao Hiper ...

E: sei ...

I: o Hiper Bom Preço ... é: shopping ... num sei o que Norte ...
E: Natal Shopping ... CCAB Norte ... não?

I: não mulher ...

E: mas eu sei qual é ... eu não sei o nome ...
 I: é esse ... é esse ... aí o Pits Burg era lá ... antes ... agora tá mais pra frente ... é ali na Prudente de Morais ... mais lá pra frente ... aí a gente foi lanchar ... ele pediu vitamina de abacate e um *hamburger* ... mequina ... quando chegou ... era eu e ele ... um ficou olhando um pra cara do outro ... nenhum tinha coragem de comer ... sabe? e a gente conversando ... inventando assunto ... e o sanduíche esfriando ... aí ele ... "num vai comer não ... você?" digo ... "não ... é porque tu tô sem fome" ... e eu morrendo de fome sabe? tinha saído do colégio ... louca pra comer aquele sanduíche assim ... sozinha ... e ele ali na minha frente ... e a gente um olhava pra cara do outro dizia ... sabe o que é isso? ... é a convivência ... porque a gente num ficava muito tempo junto ... aí a gente tinha vergonha um do outro ... e eu com o Tarcísio não ... a gente vai pra *trailer* ... vai pra lanchonete ... pizzaria ... come que só ... minha filha ... num tô nem aí sabe? e nunca tive vergonha dele ... eu num tenho vergonha não ... falo o que penso ... sabe? num tem esses negócios ... com Alexandre era ... pisando em ovos ... e ele não ...

E: falava o que não pensava que era pra ...
 I: é ... pra num ... sabe? mas foi urza ... um namoro muito bom ... hoje em dia eu tava ... um dia desse tava me lembrando ... uma coisa assim de adolescência ... né? qua/ treze ... quatorze anos ... é uma coisa muito ... é uma lição de vida ... porque eu me ... eu aproveitei muito ... sabe? saía ... porque nesse tempo o pai dele ... ainda tem né ... uma locadora de bugre ... ele pegava o bugre e a gente ia pras praias ... sabe? às vezes eu dizia pra minha mãe que tinha aula no sábado e num tinha ... ligava pra ele e a gente se encontrava ... mas era uma coisa tão infantil ... sabe? a gente nunca ... assim ... pensou assim ... qm ir mais longe ... era uma coisa assim ... mais ... sabe? mais criança ... a gente era um amor assim ... infantil mesmo ... a gente ... eu tinha ele como um amigo ... um irmão ... uma coisa assim ... aí ... hoje em dia eu tô noiva ... ele também ... a gente se fala assim ... mas nunca mais eu avistei ele ... um dia a mãe dele passou aqui e disse ... "cadê Rose ... um dia desse Alexandre tava perguntando ... nunca mais tinha visto ela

"... num sei o quê ... sabe? aí teve um dia que eu fui na casa dele ... ele tinha ficado noivo recentemente ... mas eu fui conversar com a mãe dele porque eu sou muito amiga de Carmen sabe? aconteceu tudo isso ... da gente ter terminado o namoro ... porque ele colocou chifre em mim ... aí ... eu também coloquei nele ... foi ... porque ele dizia assim ... fazia ... fazia ... porque vizinho você sabe como é ... quando ele saía eu avistava ... quando ele saía ... né? sei que eu sabia ... quando ele saía e tudo ... aí eu dizia ... "no dia que você ... brincar comigo ... eu faço do mesmo jeito ..." ele não acreditava ... sabe? mas aí minha filha ... no dia que eu soube que ele tinha me colocado ... num quis conversa ... não fiz nada ... sabe? nenhum ... um drama assim ... fui cobrar nada dele ... simplesmente ... aqui em Natal num podia sair ... era daqui de casa pro colégio ... de casa pro colégio ... eu ... "mãe eu vou pro interior ... pra casa da minha vó" ... tinha uma festa lá sabe? aí a mãe ... "pode ir" ... quando eu cheguei lá ... eu já ia com o infinto de ir mesmo pra ... passar um chifre ... aí ... quando cheguei lá ... fui pra uma festa ... inclusive ... era dia primeiro ... aí no dia dois era meu aniversário ... aí eu fui pra lá ... cheguei lá ... fui pra festa ... aí arranjei um namorado ... e isso minha filha ... pra você ver ... e disse pro rapaz ... que eu tinha um namorado ... que gostava muito dele ... sabe? e ele sem entender nada ... como é que gosta dele e tá botando chifre ... né? mas aí ... fiquei com ele e ele aceitou ... aí quando foi noutro ... noutro dia ... que eu me encontrei com o Alexandre ... aí ele ... "é ... você foi pro interior nem me disse ... num sei o quê ... eu acho que você passou chifre em mim" ... desse jeito sabe? aí eu ... "passar" ... bem cínica assim ... olho ... sabe? aí ele fez ... "eu num acredito" ... que ele pensava que eu nunca ia ter coragem ... sabe? pensava que ... era só farofa ... aí eu disse ... "fiquei com outra pessoa" ... aí ele fez ... "eu não acredito" ... ficou branco ... sabe? não acreditava ... aí foi bem na hora que eu toquei nesse assunto ... que a gente ... começou a conversar ... da minha viagem ... aí minha mãe me chamou pra entrar ... que também tinha essa cena também ... toda noite era nove horas ... sabe ... pra mim entrar ... nove horas "Rose" ... aí eu já entrava ... aí eu sei que ... aí ele ficou sem entender nada ... "ah Alexandre ... eu vou entrar" ... aí ele disse ... "mas não pode

... você ter botado chifre em mim" ... eu digo ... "acredite se quiser" ... foi a única palavra que eu disse e entrei ... sabe? aí no outro dia de manhã ... isso foi num domingo ... quando foi na segunda-feira ... quando eu cheguei no meu trabalho ... ele já tava na porta do meu trabalho ... aí ... quando eu olhei assim ... fiquei admirada né ... eu disse ... "que foi meu Deus ... que aconteceu? ... esse menino ... acho que ele num dormiu não ..." desse jeito ... e eu firme e forte dizendo que tinha colocado ... sabe? eu não ia mentir ... né? depois ele ia saber ... ia ser pior ... num ia tapar o sol com a peneira ... aí eu sei quando eu cheguei ... aí ele foi e disse ... "Rose ... olha ... eu não dormi ontem à noite" ... e foi eu disse ... "por quê?" aí ele disse ... "porque eu acho que você não colocou chifre em mim ... eu acho que é mentira ... diga que é mentira" ... tu acha que eu ia dizer que era mentira? ... eu disse na cara dele ... "eu não posso dizer que é mentira uma coisa que aconteceu ... depois você vai saber a verdade e vai ser pior ... vai doer mais ... eu num vou dizer só pra ... aliviar" ... eu sei que ele chegou de oito horas ... sabe que hora ele foi sair? lá eu saio ... eu saía de doze né ... pois ele saiu comigo ... foi almoçar comigo ... foi pro colégio comigo ... no mesmo assunto ... "Rose ... diga que é mentira ... diga que é mentira" ... menina ... chega ... foi me deixar no colégio ... nesse tempo eu estudava de uma às cinco ... aí quando chegou no colégio ele ... "Rose ... quer dizer que não é mentira mesmo ... né?" eu digo ... "não ... é verdade verdadeira ..." eu não ia mentir ... se fosse mentira eu já tinha dito ... eu já tinha ... né ... cansado ... aquela pessoa todo ... toda hora ... "Rose ... diga que é mentira ... diga que é mentira" ... que você pra se livrar dizia ... "é mentira" ... digo ... "se fosse mentira eu já tinha dito" ... aí ele fez ... "é ... então tá certo ... já que não é mentira ... eu não posso passar por cima do meu orgulho ... então ... a gente termina por aqui" ... e fiz ... "tá certo" ... mulher ... eu era tão cínica ... sabe? ele sempre disse pra mim que eu era muito fria assim ... calculista ... eu não me rebaixava sabe? dizia ... "não meu filho ... tá certo" ... toda fria ... como se não ia fazer falta ... num fosse fazer falta ... até hoje ele diz sabe? diz que essa namorada dele é muito ... meiga e eu era muito ... tinha a personalidade muito forte ... sabe? realmente eu nunca me dobrei pra ele ... sabe? nunca

me dobrei ... já com esse meu namorado não ... e às vezes eu penso que vale mais a pena a gente ser coelho eu era ... com o Alexandre do que com ... agora com o Tarcísio ... porque eu botei muito o costume nele ... sabe? muito assim meiga ... tudo ... tudo que ele queria eu tava aí sabe? até hoje eu sou assim ... às vezes eu quero mudar ... mas eu não consigo porque eu já me acostumei a ser assim ... sabe? gosto muito de agradar a ele ... numas parte ele até mecece ... mas o Alexandre num merecia não ... mas ... aí Tarcísio ... eu acho uma pessoa muito boa ... sabe? gosto muito dele mesmo ... e aí aquele amor que eu sentia por Alexandre que eu não podia dar o braço a torcer ... nem demonstrar ... porque ele não reconhecia ... passou tudo pra ele ... pro Tarcísio ...

E: você transferiu ...

I: transfere né? e ainda aumentou mais ... porque ... ele fez com que eu tivesse oportunidade de desenvolver né? que ... que: que ele é muito prestativo né ... teve uma ... eu já tava nessa casa ... não ... tava na outra ... tive uma crise de garganta super ... sabe? forte mesmo ... daquela que ... você num pode engolir ... nem a saliva ... eu num podia nem engolir a saliva ... você acredita? nem um ... nem um tiquinho de água ... num podia ... porque a garganta doeu ... foi o tempo que ele deu a maior assistência a mim sabe? e ele pro médico ... todo ... todo dia ele ia pro médico comigo ... pegava o carro emprestado da irmã ... ia pro médico comigo todo dia ... pra mim tomar injeção ... ficava comigo toda hora ... sabe? aí quando ele teve catapora eu fiz a mesma coisa ... pegava o ônibus doze horas ... pra ir pro Pirangi ... dois ônibus ... né? dois pra ir ... dois pra voltar ... mas vinha lá dar maior ... quando ele ficou ...

E: num pegou catapora não?

I: peguei nada ... porque eu já tive ... eu já tive ... sabe? aí a vô dele ... "Rose ... você vai pegar de novo" ... eu digo ... "se pegar tem nada não" ... porque foi uma retribuição ... né ... porque ele deu o maior apoio a mim ... aí ... ele com catapora eu num ia ... na casa dele ... eu fui ... a maior assistência ... ele sofreu muito ... sabe? ficou ... até na garganta ele criou catapora ... não podia engolir nada ... e emagreceu ... acho que uns dez quilos ... com a catapora ... porque catapora de adulto ... parece que ... é mais difícil ...

sabe? ... da pessoa ... lidar ... porque criança não ... criança tem o organismo muito fácil ... né? pra sarar as coisas ... pra cicatrizar ... mas adulto ... esse homem sofreu tanto ... num tinha um lugar ... que a gente colocasse o dedo ... todo cheio de catapora ...

E: tem quanto tempo ... que aconteceu isso?

I: acho que já faz uns quatro meses ...

E: ah ... você já tava aqui ...

I: não ... da garganta era lá ... agora da catapora ... eu já tava aqui ... na ... no meu caso da garganta eu tava lá ... mas da minha garganta eu sofria demais ... menina ... eu só vivia dormindo ... porque aí eu não sentia fome ... nem sede ... nem nada ... mas foi uma luta muito grande ... tomei umas seis injeções ... meus braços já tava tudo dolorido ... e eu morro de medo de tomar injeção ... mas dessa vez eu me acostumei ... porque foi tanta injeção ... que: já tava ... já tava no cotidiano ... sabe? já tinha me acostumado ... mas foi um caso muito sério ... minha garganta ... eu tenho o maior medo que acontece isso de novo ... quando eu sinto ... que minha garganta tá seca ... eu já começo a tomar remédio ... é muito triste a pessoa num poder comer nada ... e quando eu comecei a comer as coisa pastosa ... minha mãe passava ... meu almoço no liquidificador ... aí dava pra comer ... mas bem devagarinho ... sabe? bem devagarinho mesmo ... muito triste ...

Narrativa recontada

E: é:: narrativa recontada ... Ro/Rose ... você:: alguém assim ... já pode ... alguém pode ter te contado alguma coisa ... e que você:: lembre de ... dessa ... desse relato que a pessoa te fez ... ou um filme ... geralmente a pessoa quando vê um filme ... guarda né?

I: exatamente ...

E: guarda ... aquilo que o filme disse ... você teria assim alguma coisa ... algum filme que você gostaria de contar ... um filme que você tenha visto ... ou alguma coisa que alguém ... te contou?

I: um filme que eu vi ... que eu gostei muito ... mas ... me lembro poucas coisas ... sabe? num lembro assim totalmente ... só as coisa mais importante ... foi ... Uma linda mulher ... eu assisti lá na casa do meu noivo ... era louca pra assistir ... uma amiga me recomendou

... né ... aí eu disse ... "you ver se é bom mesmo" ... a história é muito boa mesmo ... tocante mesmo ... é assim ... uma prostituta ... essa ... a atriz principal é até Jília Robert ... e ... um homem muito rico ... já ... mas eles moravam em cidade diferente num sabe? e esse homem muito rico ... parece que ele tinha ... tomado posse de algum ... de alguma coisa assim ... eu num me lembro muito bem ... aí ... eu sei que eles se encontraram nessa cidade ... ela levava uma vida super diferente da dele ... era prostituta ... sata toda noite ... né ... pra ver se faturava dinheiro e ele era muito rico ... aí ... nunca tinha dirigido ... imagine ... ele nunca tinha pegado num carro ... sempre teve motorista né ... aí ele pegou ... quando foi na época dele dirigir ... ele num sabia nem ... como pegar nada ... sabe? aí se encontrou com ela no ... na rua ... aí gostou do jeito dela ... né? aí ela disse ... ela não ... se num me engano foi assim ... ele parou ... pra: porque ela ... assim na avenida ... né? rodando bolinha ... aí eu sei que ela ... ele parou ... né? aí ela disse ... "quer sair comigo?" num sei o quê ... essas coisas ... né? aí ele mandou ela entrar no carro ... aí na hora que ele entrou no ... que ela entrou no carro ... só falando sobre carro ... o carro era bonito num sei o quê ... e ele só rindo ... com o jeito dela que era bem extrovertida ... sabe? aí ... ela disse ... "você num passa disso?" que ele era botando bem devagarinho ... o carro super ... sabe ... ve/veloz e ele ... bem devagarinho ... aí ela ... "peraf aí ... vamo trocar de lugar" ... aí ... mas corria tanto ... sabe? velocidade mesmo ... aí eu sei que eles começaram a se conhecer e tudo ... aí depois ... ele levou ela pro hotel ... o hotel super chique ... e ela todá desarmada assim ... brega mesmo ... né? quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... aí ele tirou o casaco dele ... e colocou nela ... mas ela muito bonita ... ela é muito bonita realmente ... né? bem magrinha ... bem alta ... aí ... eles entraram ... todo mundo olhando assim pra ela ... porque era uma coisa super diferente ... o povo todo alinhado e ela com casaco daquele jeito assim ... todo por fora ... sabe? aí foram pro apartamento ... chegando lá ... tudo muito chique né? é ... engraçado foi a ... na hora que ... ela queria seduzir ele ... mas eie não queria daquele jeito ... uma coisa ... mecânica ... né? ele

trabalhar pros outro ... agora você trabalhando pra você ... não ... no dia que você faz ... tudo bem ... no dia que você num faz ... ninguém vai ficar pegando no seu pé ...

E: só tem você na clínica?

I: temeu ... pela tarde ... atualmente eu tô ficando os dois horários ... mas a partir de terça-feira eu acredito que vai ficar ... uma à tarde à ... pela manhã e eu à tarde ... e também tem o vigia ... são três pessoas ... três funcionários ... duas secretárias e um vigia ... mas o vigia também ... coitado ... faz os dois trabalhos ... dois não ... E: isso que eu ia dizer ... além de ser vigia ainda ...

I: faz mais coisas ... olhe ... ele ... o que quebrar lá na clínica ele tem que consertar ... sabe? e também instrumenta cirurgia ... às vezes ele vai pagar coisa em banco ... quando eu não posso ir ... que tem muita coisa pra fazer ... ele é que vai ... entregar conta ... ele que vai também ... pode fazer isso ... porque às vezes eu tô ... tem muitos pacientes ... no dia que tem muitos pacientes ... eu não posso me ausentar ... da clínica ... porque de repente uma pessoa ... que tá marcada ... "olhe eu queria tirar uma dúvida" ... num sei o quê ... só eu que posso dar ... porque ... também tem esse ponto ... você liga pra uma clínica de cirurgia plástica ... e um homem atende ... fica muito anti-es/assim ... fica ... num fica estético ... né? porque uma voz de mulher é outra coisa ... como secretária ... e homem não ... né? é logo estranho ... aí vai ficar ... pra ele ficar lá e eu sair pra resolver ... num compensa ... aí eu fico e ele sai ... o coitado também sofre demais ... sete anos que ele trabalha lá ... sete nada ... sete faz uma sobrinha dele ... faz doze anos que trabalha com ele ...

E: você tem quanto tempo?

I: três ... doze anos ... mas ele ... minha filha ... ganha super mal ... sabe? e faz muita coisa ... trabalha muito ... é ganha super mal ... E: então resumindo ... você faz o que lá na ... na ... I: tudo ... tudo que ... que der pra fazer eu faço ... de tudo eu faço um pouco ... né? só ... no momento que eu não posso fazer ... porque já tem várias coisas pra fazer que ele vai ... José ... o nome dele ... do vigia ... mas tudo eu faço ... sabe? tem isso comigo não ... quer dizer ... eu num posso dizer assim ... eu sou só secretária ...

eu sou tudo ... secretária ... faxineira ... faxina eu faço lá ... você acredita? coisas que não era pra mim fazer ... porque ele podia muito bem pagar uma faxineira ... mas eu faço faxina ... no decorrer da semana ... lavo banheiro ... lavo área ... passo pano ... sabe? espalho ... faço tudo ... tudo ... tudo que você imaginar eu faço ... lá dentro ... num posso dizer assim ... eu sou só secretária ... sou tudo lá na clínica ... tudo mesmo ... pois é ... mas ninguém reconhece ... né?

E: só isso?

I: só ...

PARTE ESCRITA

Nós = 4
Agente = 0

Narrativa de experiência pessoal

A quinze dias atrás, eu e minha família fomos a Bom Jesus e nessa viagem, meu pai tornou umas e outras e ficou bêbado; e quando nós viamos p/ casa, meu pai cochilou na pista e nós ficamos muito preocupados com essa situação, mas graças a Deus nós chegamos bem em casa.

Minha mãe esta grávida de 6 (seis) meses; e quando ela estava me esperando houve um acidente de automóvel em São Paula nas proximidades do Rio Tiete. Quando minha mãe e meu pai da casa do primo da minha mãe, onde minha vó, mãe, da minha mãe, se encontrava. Estava chovendo muito e a pista estava escorregadia, quando o carro começou a dançar na pista e o motorista perdeu o controle e o carro foi para a direção do outro onde um casal de namorado estavam; dessa maneira ele impediu que o carro caísse. no Rio Tiete. Todos ficaram feridos uns mais do que outros, mas graças a Deus acabou tudo bem.

Quando minha estava grávida da minha irmã que agora tem 8 anos de idade, aconteceu outro acidente de automóvel em massaranduba, município de Ceará Mirim, e no outro mês minha mãe ganhou a minha irmã. Todos que vieram no carro se feriu; minha mãe, meu pai, eu, meu irmão e minha tia.

Meu pai e muito teimoso, não escuta ninguém, por esta razão temos muito medo que isso se repita.

Em alguns pontos eu tenho algumas características parecidas com meu pai, por exemplo, não gosto de ser mandada e nem de dar satisfação. Minha mãe as vezes pergunta muito sobre o que eu faço e o que eu deixo de fazer e realmente eu não gosto dessas coisas.

Eu tive um namorado, meu vizinho, que minha mãe não queria, e por este motivo eu não conseguia de deixar de namorar este rapaz, fiz muita coisa que hoje eu não faria, mentia, apanhei por causa dele, mais não valeu a pena porque hoje nós estamos com outras pessoas; já estou noiva e amo o meu noivo ele é uma pessoa muito legal merece toda a minha atenção e também e muito atencioso comigo.

Eu tive uma crise de garganta muito grande, daquelas, que eu não podia engolir a saliva e nessa fase ele me deu muito apoio e eu pude retribuir quando ele teve catapora, sofreu muito e eu, fiquei ao seu lado até o fim; e ficarei até o resto da minha vida porque eu o amo.

Foram tristes estas fases; mais foi uma lição de vida.

Narrativa recontada

Eu assisti um filme que o seu título era uma linda mulher. Este filme falava de uma prostituta que morava num lugar não muito confortável e em seu destino encontrou-se com um rapaz com o meio de vida completamente diferente do dela.

Ele se encontrou com ela na Rua rodando bolsinha, seu carro parou e ela se ofereceu p/ passar a noite com ele. Ele pediu que ela entrasse no carro e foram p/ o hotel. O interessante e que ele não sabia dirigir direito, porque estava sempre acompanhado de um motorista; e assim que ela entrou no carro começou a admirá-lo e pediu p/ levar o carro, e pé na tábua. Ao chegá-las no hotel o rapaz tirou o seu casaco e colocou-o nela, porque o seu traje não estava adequado p/ o ambiente, que só existia pessoas bem vestidas.

O rapaz tinha um amigo muito preconceituoso, mas ele tinha muita confiança, então ele contou que sua namorada era uma prostituta; então seu amigo começou a dá em cima dela, mais ela não aceitou, mas seu amigo contou-lhe uma estória mentirosa e

assim ela voltou p/ sua casa, onde morava antes de conhecê-lo; e ele sentiu muito sua falta, então foi a sua procura, da forma como ela lhe contava em sua fantasia: montado em um cavalo branco c/ espada.

Em seguida eu contei outro filme que eu gostei muito e que na primeira vez que eu assisti no cinema e que fiquei lá atrás, e estava sem os óculos, mas não queria admitir que não enxergava bem, e não entendi nada do filme.

Então pedi que meu noivo alugasse esse filme que se chama Ghost, e então eu entendi muito bem.

Eram um casal de namorados, no qual o rapaz morria logo após ao ir ao teatro ou cinema; e seu espírito permanecia na terra junto a sua namorada. Ele foi vítima de um assinado a mando de seu amigo de trabalho que estava interessado em um disquete que estava em seu poder.

No final do filme seu amigo morre e os homens que mataram ele. E sua noiva conseguiu se comunicar livremente com ele através de um espirita e logo após ele se vai de uma forma muito bonita.

Descrição de local

Eu vou descrever o meu local de trabalho; na frente ela é cinza com as bordas vermelhas e tem um quadro com as letras douradas, escrita: Clínica Asclepiades Oliveira cirurgia plástica, os portões são vermelhos, tem uma área bastante espaçosa toda bege inclusive o piso. A recepção tem dois estofados um com dois lugares e outro com três de cor bege, tem um biró, tem uma máquina de escrever e uma banca de apoiar a máquina, em seguida vem o consultório que tem uma maca, um biró, três cadeiras, quadros na paredes que são diplomas e curso do médico. Logo após vem o apartamento com duas camas, um telefone, uma mesa p/ colocar o telefone e dois banquinhos; depois vem o centro cirúrgico com uma mesa cirúrgica, aparelhos cirúrgicos, um armário, onde ele guarda os materiais cirúrgicos, um ar condicional que inclusive no consultório também tem.

Informantes da OITAVA SÉRIE (Fundamental III)

Nome

1. Emerson →
2. Gerlândia
3. Lúcia →
4. Vladimir

Informante 1: Emerson

Idade: 15 anos

Sexo: masculino

Data da coleta: oral - 17/5/93, 18/5/93, 19/5/93, 21/5/93, 22/5/93;
escrita - 17/5/93, 18/5/93, 19/5/93, 21/5/93, 22/5/93

PARTE ORAL

150 → *

nas 1. Entrevista
a hora = 4 m

Narrativa de experiência pessoal

E: Emerson ... é ... você teria assim alguma experiência pessoal que você tenha passado assim e que você ... gostou e poderia me contar ... ou até que você não gostou né ... que você poderia me contar assim bem detalhado ... o que ... pelo que você passou?

I: tenho ... foi um acampamento ... de um curso que eu estava fazendo ... um curso de preparação militar ... esse acampamento todos os meus amigos foram ... da minha sala ... também de outra sala ... foi um acampamento muito bom porque ... apesar de tudo ... foi uma grande ... foi uma grande experiência pra mim ... porque foi a primeira vez que eu dormi fora de casa ... foi a primeira vez que eu ... tive mais contato com as pessoas assim ... muito tempo ... foi uma experiência muito gratificante ... o acampamento teve início assim na base de umas três horas ... por aí ... e ... a gente foi caminhando ... do local de ... de encontro até ... aonde nós ... o objetivo final ... que era dentro de uma mata muito fechada ... e a gente passaria ali quase vinte e quatro horas ... que era uma região militar ... então quando foi ... uma base de ... quatro horas ... começou a caminhada ... chegamos na mata umas seis horas ... e

num agüentava mais a fome e vinte e quatro horas sem tomar banho ... quase vinte quatro horas ... quando eu cheguei em casa tomei aquele banho ... foi uma experiência muito boa ... apesar de todo os sacrificio ... de todas as frustrações ... de todos os ... de todos os ... as dificuldades ... foi um bom ... uma boa experiência ...

Narrativa recontada

E: Emerson ... tem assim algum filme que você assistiu e você gostou ... que você poderia recontar esse filme pra mim?
 I: tem ... Batman o retorno ... o filme se passa ... na cidade chamada Gotham City ... o filme já ... já diz o nome ... Batman o retorno ... a segunda parte do Batman um ... o filme começa quando ... o nascimento de Pinguim ... um dos personagens do filme ... ele nasce deficiente ... a família dele com vergonha ... por pertencer a uma alta sociedade ... decide jogá-lo no rio ... é ... e joga-o no rio ... então esse rio tem uma forte correnteza e leva ele pra bem longe ... ele vai parar numa gruta ... essa gruta é habitada por pinguins ... daí os pinguins vão adotar ... vão começar a criar ele ... mais tarde ele vai surgir ... como o aterroriz/ o aterrorizador da cidade ... outro personagem é a Mulher Gato ... ela surge como ... ela é uma secretária comum ... e tem o seu patrão ... é empresário que tem um plano de ... construir a ... usina nuclear ... não para gerar energia ... e sim sugar da cidade ... ela ... esquece alguns papéis no escritório e volta ... e descobre qual o plano do seu patrão ... o seu patrão também volta ao escritório à noite ... no momento que ela está lá ... quando abre a porta ... vê ... vê ela mexendo nos seus documentos e já sabe que ela está por dentro de tudo ... então ele resolve matar ... matar ela ... empurrando pela janela do escritório que ficava num alto edifício e ela cai no meio ... era muito alto e bate com a cabeça e fica inconsciente ... alguns gatos que estão por ali ... começam a lambem o sangue dela ... por esse motivo ela fica com algumas características dos gatos e acha isso estranho depois que volta a si ... porque ela começa a ficar ... igual a gato () é ... tem hora que ela tem vontade de miar ... e assim por diante ... tudo que um gato faz ele tem vontade ... daí ela vai surgir como Mulher Gato ... o Pinguim ele tem um plano de pegar os pinguins que

vinha que encontrar um local agradável que pudesse ... que pudesse ser ... que pudesse acampar ... e a gente tirou umas duas horas ... então a gente chegou umas oito horas no local e pronto ... então feito uma fogueira ... depois da fogueira ... as pessoas sentaram ao redor formando aquela roda ... e começou a divisão de alimentos ... cada um levou um alimento na sua mochila ... pensando que ia comer sozinho ... mas quando chegou lá ... o tenente que era o chefe de todos ... que ... era militar ... ele começou a revistar as mochilas e ia tirando das mochilas as comidas ... e juntou tudo dentro de uma bolsa ... quando chegou no acampamento ... ele pegou a comida que tava tudo junto e dividiu ... sendo que ... cada pessoa comia de cada coisa uma ... ou seja ... o que eu levei ... eu não comi sozinho ... eu tive que dividir com todos os amigos ... depois disso ... teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos ... que durava uma hora ... enquanto os outros dormiam ... é o chamado sentinela ... de manhã ... houve um café da manhã ... não um café da manhã tão bom assim ... apenas macaxeira e batata doce ... que passou a noite sendo cozinhado na fogueira ... depois teve instrução física ... depois reconhecimento de área ... depois ... teve combate por isso que era preciso ... por isso que era preciso ... fazer reconhecimento da área ... para que mais tarde ninguém se perdesse ... depois teve o combate ... onde era escolhidos grupos que iam lutar contra si ... mas não luta corporal ... era somente tomar uma fita que estava presa no pé do inimigo ... o meu grupo não foi vencedor infelizmente ... mas ... ele não foi o pior ... quem conseguisse pegar mais fita do pé dos inimigos ... era vencedor ... depois veio o almoço ... um almoço não tão bom quanto o de casa ... mas ... pra mim foi um lanche ... porque foi apenas um pedaço de pão com mortadela ... uma coisa que ... eu não tô acostumado a fazer ... porque o meu almoço é super ... reforçado ... depois ... descansamos um pouco ... um pouco mais tarde ... teve mais educação física ... depois arrumamos a nossa mochila para ... voltar ao local de partida ... durou mais ou menos umas ... duas horas até o local ... de onde (fomos) íhamos partido ... então chegando lá foram dispensadas as pessoas ... todo mundo veio pra casa ... e eu tratei logo de vim pra casa porque ...

enquanto quer dizer ... na cadeia ... na ... enquanto na prisão perpétua ... ele vai realmente sofrer ... ele realmente vai pagar os seus pecados ... de pouco a pouco até ... o dia de sua morte ... e eu acho que a partir do momento de que uma pessoa ... assassina ou seqüestra outra ... ou tem problemas mentais ... uma péssima educação ou às vezes também ... pode ser também por condição de vida ... eu acredito na educação ... e também em melhores condições de vida para acabar com a criminalidade ... existe país por aí ... em que a educação é super ... levada a sério e as pessoas têm boas condições de vida e quase não existe criminalidade ... então eu sou super contra a pena de morte ... e também a pena de morte só pode ser adotada em país em que a justiça realmente é super eficiente ... não é o caso do Brasil ... em que a justiça é falha ... onde ela bota muita vez nas cadeias as pessoas que são inocentes ... às vezes pessoas que roubam ... um saco de feijão ... um relógio ... tá na cadeia ... enquanto que outros que deu prejuízo à sociedade ... milhões e milhões ... bilhões até ... de dinheiro que foi tirado da população e tá aí à solta ... por quê? porque tem dinheiro ... onde a justiça do Brasil só é válida para os pobres ... não para os ricos ... então a pena de morte de jeito nenhum poderia ser adotada no Brasil ... porque eu garanto que morreria muito inocente ... a pena de morte não pode ser adotada no Brasil de jeito nenhum ... porque a justiça é realmente falha ... eu acho que ao invés das pessoas sair na rua ... pedindo para ... ser implantado a pena de morte no Brasil ... deveria estar lutando por outras ... por outros métodos ... outros objetivos ... de melhores condições de vida ... de melhor educação para os seus filhos ... onde as pessoas poderiam viver num país bom ... certo? onde realmente iria acabar com a criminalidade ... que eu num acredito que uma pessoa que tenha ... tudo em casa ... faltando nada ... tenha alimentação ... a saúde ... tudo garantido ... trabalho ... tenha educação para os filhos ... uma educação digna ... num vai sair para matar uma pessoa ... seqüestrar outra ... a num ser que tenha problemas mentais ... mas a pena de morte jamais ... podia voltar ao Brasil ... eu acho que deve acabar ... essa pena em outros países que ainda está predominando ... deve acabar ... de qualquer maneira deve acabar ... temos que fazer um movimento

para acabar com a pena de morte ... não implantá-la ... esta ... esta ... é a minha opinião sobre a pena de morte ...

PARTE ESCRITA

Narrativa de experiência pessoal

Das várias experiências que eu passei houve uma que eu nunca esqueço. Foi uma experiência onde eu aprendi realmente o que é solidariedade, e foi também a primeira vez que dormi fora de casa.

Esta experiência foi um acampamento de caráter militar, onde foi válida a seguinte frase: "Um por todos, e todos por um".

Eu estudava num curso de preparação às escolas militares, e os responsáveis pelo curso tiveram a ideia de nos levar a um acampamento.

Quando e eu e os meus amigos chegamos ao local de partida, todos estavam alegres pensando que tudo não ia passar de um simples piquinique. Todos nos trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. Mas, ainda no local de partida teve um momento em que o tenente do curso, começou a revistar nossas mochilas. As mochilas que tinham comida dentro, foi retirada toda a comida. Algumas pessoas até protestaram.

Ao anoitecer, começou a caminhada, onde o destino final era um local dentro de uma mata fechada. Andamos cerca de quatro quilômetros até chegarmos ao local desejado.

Finalmente chegamos ao local, já era quase meia-noite. Depois de tudo organizado, foi feita uma fogueira.

Quando o fogo já estava sem risco de apagar, fizemos uma roda ao redor da fogueira.

A comida que foi retirada das mochilas, juntaram tudo e foi dividida para todos. A comida não foi em abundância, foi pouquíssima para cada um.

À noite, enquanto o agrupamento dormia um grupo de seis pessoas, ficava de sentinela. Este grupo era revizado por outros.

NS = A
A = A

Colocar

Pela madrugada, todos foram obrigados a acordar, pois iria começar as instâncias. Parecia que estávamos em uma guerra, a gente se arrastava, pulava, caía, corria.

No café da manhã, todos se frustraram. Aqueles que pensavam que iria ter frutas tropicais se iludiu. O café da manhã foi apenas macaxeira e batata doce, que passaram a noite sendo conzinhos.

Após a primeira refeição do dia houve o reconhecimento do local, para mais tarde acontecer o combate.

O combate consistia no seguinte, o agrupamento seria dividido em três grupos; os componentes do grupo tinham no tornozelo uma fita amarrada. O objetivo era desamarar esta fita que significava a morte do inimigo.

Meu grupo, infelizmente não foi o vencedor. O grupo vencedor era aquele que trouxesse mais fita.

Na hora do almoço todos com fome vem outra frustração. Cada um teve direito a um pão com mortadela.

Depois do almoço ainda fizemos educação física, e depois disso, começamos a arrumar o nosso material para iniciarmos a caminhada de volta.

Quando chegamos ao local de partida, estávamos despendados. Eu não via a hora de chegar em casa e tomar um belo de um banho, comer dignamente e cuidar dos meus calos, os quais os meus pés estavam cheios.

Para mim foi uma lição de vida. Foi a partir daí, que eu comecei a dar valor a tudo que eu tenho. Valeu a pena, foi gratificante.

Narrativa recontada

Eu assisti a um filme que eu achei o máximo, tanto pela história quanto a produção. Este filme foi Batman, o retorno.

Este filme conta uma história onde tem trama e ação. Tudo começa com o nascimento do Pinguim, ele nasceu totalmente deficitente e a sua família era da alta sociedade. Os seus pais com vergonha dos outros decidiram jogá-lo num rio. A correnteza do rio o levou para uma gruta habitada por pinguins.

O drama começa quando a secretária de um empresário descobre que o seu patrão quer construir uma usina nuclear, não para gerar energia, e sim para sugar energia da cidade. O patrão chega repentinamente no escritório e flagra a secretária mexendo em seus documentos. Tentando ele que a secretária resolvesse contar a todos, ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório que ficava no andar muito alto de um edifício. A queda da secretária foi amortizada pela neve, mesmo assim esta ficou fora de si. Havia alguns gatos próximos dali, alguns se aproximando começaram a mordê-la.

Após algum tempo ela começou a se sentir anormal, como tomar leite em tigela no chão junto com gatos. Pouco a pouco a simples secretária se transformou na "mulher gato".

Depois de algum tempo a mulher gato junta com o Pinguim começa a perturbar Gotham City. Pinguim não era conhecido por todos, até o momento em que ele começa a ameaçar a vida do presidente de Gotham City pedindo que o presidente apoiasse-o.

O presidente de Gotham City cede aos caprichos do Pinguim.

A partir daí, Batman vai aparecer para salvar Gotham City do mal que estava por vim.

O climax da história acontece no momento em que Batman se apaixonou pela mulher gato. Sendo que, os dois não sabiam a sua identidade secreta. Pinguim por sua vez tem um plano para detonar Gotham City. Este plano utilizava os pinguins como arma secreta, onde cada pinguim levava um míssil que seria detonado automaticamente.

Chega o momento tão esperado em que numa festa, está Batman como, o rico milionário que era sua identidade secreta, e também a mulher gato como uma secretária. Há um momento na festa em que os dois, Batman e mulher gato, se beijam de baixo de um ramo em que Batman diz a seguinte frase: "Beijar de baixo desse ramo dar azar". Nesta Pinguim aparece com uma entrada triunfal derrubando tudo que estava na festa para chamar a atenção de Batman. Batman cai na armadilha e persegue o Pinguim.

336

- 1/2 xícara de leite
- 1 lata de creme de leite sem soro
- 1 colher de sopa de margarina
- 1 colher de raspa de laranja ou limão
- 2 latas de açúcar
- 1 copo de requeijão
- 3 colheres de sopa de farinha de trigo e 3 colheres de passas sem caroços e 5 colheres de ameixas pretas picadas.

Agora o modo de preparo e o seguinte:
colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira e ligar no máximo com batido para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogênea e despejar numa forma nº 3 untada e povilhada.

Agora o preparo do recheio e o seguinte:
despejar os primeiros ingredientes novamente na Batedeira e bater com os batedores para massas leves e ligar na velocidade baixa até ficar homogênea depois e só distribuir as passas e as ameixas por cima assar em forno médio por 35 minutos.

Obs: servir frio.

Relato de opinião

Bem pra começar na minha opinião um dos melhores métodos para mostrar o que aprendemos durante nossa infância e na adolescência e o vestibular.

O vestibular prepara para a vida se alguém que ser algo na vida tem que batalhar muito.

Esse método que existe no Brasil é muito interessante porque você escolhe o que vai querer aí você se prepara para o vestibular fazendo um cursoinho e terminando o 3º ano.

Um dos cursos mais conhecidos é o curso de medicina e odontologia que exige muitos anos de estudo para poder exercer o cargo de médico.

Como no mundo inteiro existe várias pessoas inteligentes já deveria ter inventado outro método para as pessoas poder mostrar seus conhecimentos mas como já estamos acostumados com este método apesar que metade da população e desinteressada, por mais que aparecesse outro método o desinteresse continuaria.

Informante 3: Lúcia

Idade: 16 anos
Sexo: feminino
Data da coleta: oral - 28/9/93, 30/9/93, 07/10/93; escrita - 28/9/93, 03/10/93, 08/10/93, 10/10/93

PARTIE ORAL

Narrativa de experiência pessoal

E: Lúcia ... é: às vezes a gente passa assim por experiências né ... alguma coisa que acontece ... na vida da gente ... e que a gente gosta de falar ... pode ser uma viagem ... ou uma festa que a gente foi né? e que gosta de contar ... você tem alguma viagem ... ou festa ... que você foi ... e gostou e poderia me contar?

I: tenho ... a de Maceió que eu fui pra excursão ... aí eu gostei ... foi divertido ... mas até que assim eu num tava querendo ir sabe? aí quando foi ... minha mãe trouxe ... trouxe ... biquíni e essas coisa ... maiô ... num sabe? ela trouxe maiô aí disse ... "ei ... você vai?" aí ... eu não disse a ela que tinha prova ... eu ia começar as prova ... aí eu disse ... "não ... num vou não" ... aí ... ela ficou assim ... eu vi que ela ficou assim com raiva ... sabe? mas quase que eu num ia ... aí eu disse ... "não ... eu vou" ... aí ela disse ... "qual é a primeira ... qual é a primeira assim ... qual é a primeira ... a primeira prova?" "matemática" ... e matemática minha filha ... aí eu num vou ... eu já num gosto de matemática ... eu nunca gostei ... quer dizer ... eu gostava ... aí agora ... que essa juventude agora minha filha ... como diz ... o jovem num tá tão se interessado a estudo ... aí fica ... aí pronto ... aí eu fui ... me diverti ... saí ... conheci lugares bonito ... praia bonitas ... fui pra ... agora eu só num gostei de uma coisa ... que eu só ia pro ... pro ... assim ... pra um bar ... o mesmo sabe? a mesma ... o mesmo bar ... mas mulher ... que era fofo ... só fofo ... eu num gos/ quer dizer ... eu num gosto só de fofo ... a gente gosta de outras músicas num gosta?

E: é ...
I: assim ... gosta ... sei lá ... discoteca ... aquelas música assim bem agitada né? aí eu fui ... aí eu ... a gente queria escolher ... aí a gente

$Mos = 1$
 $Agenda = 1/8$

almoçou num restaurante lá ... aí a comida foi por quilo num sabe? aí foi bem divertido ... aí eu fui ... aí o que ia dizer? ... sim ... aí a gente ... aí a gente foi lá pra esse bar ... aí a gente chegava ... aí era até Maria Bonita sabe? aí primeiro a gente ia pra Lampião ... mas Lampião era um lugar assim muito aberto num sabe? era aberto ... aí tava chovendo ó ... a chuva pegou a gente ... aí ... aí que droga ... num sei o quê ... aí quando foi o ... o taxista disse ... "ei ... tem o Maria Bonita ... vocês querem ir? ... é fechado" ... aí a gente fomos ... aí a gente foi no Maria Bonita ... aí quando chegou lá a gente ficamos lá ... aí foi bom ... aí a gente ficou ... aí no outro dia eu ... o motorista disse ... "ei ... a gente vai pro ... Maria Bonita" ... ah cachorro desgraçado ... mulher ... ele num dançou comigo ... eu tive que chamar o condenado ... pra dançar ...

E: quem era?
 I: era ... ele é de lá num sabe? é ... ele é o guia turístico ... é: o nome dele é Luciano ... aí ... ele lá dançando ... aí dançava ó ... assim ... "vou dançar" ... aí todo mundo ... aí ia dançar ... aí dançou com minha prima ... ele já conhecia minha prima ... dançou com minha prima ... aí começou a dançar ... dançar ... quando ele ia embora eu disse ... "ah ... espera aí ... você num me chama pra dançar ... mas eu vou te chamar pra dançar" ... aí chamei ele pra dançar ... quase que morria de dançar comigo ... aí tive que dançar com Mário ... que eu conheci lá ... ele me chamou pra dançar ... aí eu fui dançar com ele ... aí ele ... menina ... eu fiquei tão apertada ... ele assim ... aí nós dançamos né ... eu dançando assim ... ele disse ... "ei ... você dança bem" ... aí () de novo ... "você é daqui?" "não ... sou de Natal" ... ele disse ... é ... "bem-vindo a Maceió" ... eita danado ... aí quase que ... aí quase que ... ele queria ... num sabe? e eu ... não ... num quero não ... eu quero o turista ... o guia turístico ... aí lá foi divertido ... sim ... aí a gente foi pra praia ... Praia do Francês ... é linda ... aí a gente fomos conhecer ... o museu ... aquele museu num sabe? conhecer: Deodoro da Fonseca ... a mãe dele ... aí tinha ... tinha ... ainda as camas lá ... num sabe? tinha as camas ... tinha um armário ... tinha a mesa ... cadeira ... menina ... tinha até um pinico ... tinha um pinico ... mas num parecia um pinico não ... parecia um negócio bonito ... parece

um jarro num sabe? eu disse ... "ah sabe o que que eu fazia com esse pinico? um jarro ... fazia um jarro ... assim bem bonito" ... aí ... mulher ... era engraçado que era assim sabe? ela ... ela tinha parece ... num sei quantos filhos ... num sabe? mas ... ela não gostava de mulher ... gostava não ... ela num queria nem saber ... ela só gostava de homem ... só de homem ... aí parece que era assim ... no dia que: o filho dela ... algum dos filhos dela morriam ... aí ... nesse dia ela fazia uma festa num sabe? aí nessa festa ela brincava ... dançava ... aí no outro dia ela já começava a chorar ... é todo estranho ... né não? aí () aí ... aí quando foi ... aí começou assim sabe? aí a gente tirou lá foto ... quase todo canto tirava foto ... eu num gosto de tirar foto porque eu saio feia ... aí a gente tava lá no hotel ... sim minha filha ... eu conheci um rapaz bonito ... o nome dele é Ney ... aí a gente ficou conversando ... aí foi ... aí nessa conversa minha filha ... aí minha tia mandou eu descolar um ... quando eu ia descolar ela num gostou () aí minha tia ... "vai descolar" ... aí quando eu ia descolar ... tava só conversando com o rapaz ... ela vinha e acaba tudo ... a conversa tudo ... aí voltava pra mesma ... menina ... mas ó rapaz tímido ... tímido demais ... mais tímido do que eu ... mulher ó eu ... porque eu sou tímida ... que eu num vou ... num sou de chegar assim pro rapaz e falar as coisa ... menina ... quando eu cheguei perto desse menino ... porque eu pensava que ele sabia dançar num sabe? aí ... eu num sabia de nada ... aí eu cheguei ... menina ... eu cheguei TRUUU (imitação de tremedeira) ... porque dá logo uma tremedeira sabe? quando eu chego perto de homem minha filha ... eu começo logo a gelar ... ficar fria ... me tremendo toda ... aí eu cheguei perto dele e disse ... "ei ... ei ... vamos dançar?" ele disse ... "eu num sei dançar" ... aí eu disse ... "aí meu Deus do céu" ... eu digo ... "ah então lá vai" ... e ficamos conversando lá ...

E: foi onde ... em Maceió?

I: foi ...

E: e a volta?

I: a volta ... a volta foi boa ... ah ... outra coisa ... sim ... teve uma brincadeira num sabe? quando fomos ... teve a brincadeira ... a brincadeira do piu-piu ... e: a brin/ e outra brincadeira aquele

também:: amigo secreto... é bom... né não? amigo secreto ... aí eu nunca pensava que eu ia tirar o guia ... porque ele disse que podia chamar de Luciano ou Sprite ... aquele refrigerante ... aí ... ele disse ... "olha ... ou vocês me chamam de Luciano ou Sprite né" ... eu sou mais Luciano ... nesse dia a gente brincou de piu-piu ... aí a gente tinha que dizer quantos piu-piu tinha ... aí os homens dizia ... bem eu só tenho um ... porque o piu-piu era a letra ... a letra a num sabe? aí por exemplo ... meu nome é Lúcia ... aí eu só tenho um piu-piu ... que é a letra a né? só tenho um a ... só um a ... num tenho ... vamo dizer ... Cristiane ... Cristiane tem ... Cris-ti-a-ne só tem um né ... também ...; deixo eu ver quem mais ... pronto ... Valgênia ... Valgênia tem dois né? aí tem que dizer ... pronto ... dois piu-piu ... você tem ... aí ele dizia ... "é pequeno ... médio ou grande?" aí eu disse que o meu era médio ... aí ele mandou eu dar uma desfilada ... eu fiquei morta de vergonha ... dentro do ônibus desfilando lá pra ele ver ... aí ele disse ... "é ... é ... médio" ... eu fiquei morta de vergonha ... aí depois ele começou ... aí ele ... aí eu não sabia ... olha minha tia sabia ... aí ficou ... eu e Cristiane sem saber ... quando foi Cristiane descobriu ... vamos descobrir o que era o piu-piu ... aí depois disse ... "olha ... é a letra a" ... aí eu "agora entendi" ... aí depois passou ... aí foi a brincadeira do amigo secreto ... aí eu tirei ... aí veio o papel ... aí porque eu tava lendo ... tava lendo não ... tava vendo aquele coquetel né ... aquele que faz caça-palavra ... eu gosto de caçar palavra ... aí eu tava só ... aí lá eu tirei um papel ... claro ... aí veio o papel ... aí pronto meinha ... peguei o guia ... peguei o guia ... aí eu peguei ele ... aí quando foi Cristiane ... aí ficou eu e Cristiane ... "anda Lúcia ... diga aí o teu" ... eu digo ... "diga aí o seu" ... aí ela virou ... era uma senhora ... foi uma senhora ... aí eu disse ... "olha o meu ... eu tirei o guia" ... minha filha () aí ela disse ... "eita ... num sei quê" ... aí eu achei ... quer dizer ... eu contei a minha prima né ... eu contei ... aí achei ... quer gente pro ... pro negócio de artesanato né ... que é aquelas coisa bonita né? tem muita coisa bonita ... e a gente foi conhecer ... a gente foi conhecer ... assim ... a ... a ... pronto ... a casa ... parece que:: a de Teodoro sabe? de Teodoro da Fonseca ... aí a gente foi conhecer lá também ... aí a gente ficou ... aí pronto ... aí depois ...

aí na volta ... teve assim ... meinha o shopping lá ... o shopping dá de dez daqui ... ave Maria ... que grande ... imenso ... imenso ... imenso ... aí a gente entrou nesse shopping ... a gente fomos lá ... mas meinha ... ave Maria ... grande demais ... e bonito ... cheio de rapaz bonito ... rapaz bonito ... e a gente tava procurando os presentes pros amigos secreto né ... eu ia dar um chaveiro com o nome dele ... Luciano ... aí ela disse ... "não ... vamo" ... aí depois ela viu os cinto num sabe? aí naquele tempo ... era o dia dos namorados ... dia treze né? dia doze ... aí: a gente ficou ... aí ficou num sei o quê ... dia treze né? dia doze ... é pra amarrar homem ... sei lá ... segura o homem ... se num tiver preso ... aí: ela disse ... "olha três cinto" ... aí eu disse ... "é ... pode comprar" ... porque a primeira coisa ... comprar coisa pra homem ... num é difícil comprar? porque a gente não sabe o que ele ... o que ele não tem ... a gente num sabe o que que ele quer ... a gente pode comprar um cinto ... ele já tem ... já tem calça ... já tem camisa ... já tem bido né? e pra mulher também eu acho que ele acha que pra mulher também é difícil ... como tanto pra ele como pra gente ... a gente acha um dos dois difícil né? aí eu disse ... "compre aí o que você quiser ... é com você" ... aí comprou os três cinto ... aí os três cinto ... aí ficou naquele negócio ... aí no dia de entregar ... teve lá ... aí "ei gente ... vamo entregar os presente ... vamo entregar os presente ... é" ... aí olha só o que que ele disse ... "olha ... mas vocês têm que falar tudo ao contrário ... quer dizer ... por exemplo ... é ... você vai falar assim ... fulano de tal que eu tirei é alto ... ele é baixo né ... é moreno ... sendo branco" ... aí tudo ao contrário né ... aí que que eu ia falar dele? se eu num sei ... se num sabia falar ... o que que ele tinha ao contrário ... aí minha filha ... eu fiquei preocupada ... aí meu Deus do céu ... e num sei quê ... apressada dentro do ônibus ... aí eu disse ... "o que que eu vou dizer? tudo ao contrário ... se eu num ... o que que tem ao contrário? ... que ele é magro" ... num sei o quê ... aí minha tia disse ... "olha ... você fala assim ... diga ... que ele ... é gordo ... é casado ... tem cabelos grisalhos ... e que tem: mais assim ... uma idade ... uma idade

avançada" ... aí eu ... "pronto ... como é? ... repita de novo ... aí do jeito que eu não tenho a memória muito boa ... repita ... isso ... isso e isso" ... aí ficou ... "amiga ... quando chegar na hora é pra dizer isso ... isso e isso" ... aí foi até uma senhora que me tirou ... aí eu até gostei sabe? aí ela disse ... "olha ... eu num tive papel de presente pra dar" ... aí eu disse ... "não ... num tem nada não" ... aí foi a minha vez ... aí eu disse ... "é; ele é gordo ... alto ... cabelo grisalho ... tem assim a ... a idade ... né a idade assim" ... aí as menina ... "Luciano ... Luciano" ... aí beijinho pra acolá ... beijinho pra acolá ... aí ela disse ... "ei ... num tirei" ... aí Cristiane ... "ei ... eu num tirei foto não ... eu num tirei foto não ... pode dá outro beijo" ... aí todo mundo ... "beija ... beija ... beija" ... pena que num foi na boca ... foi no rosto ... aí pronto ... aí foi a gente se divertiu ... aí cantamo dentro do ônibus ... aí foi bem divertido ... foi divertido ... aí a gente dançando assim ... assim mulher ... dançando dentro do ônibus mulher ... dancei ... gritei ... berrei ... fiz tudo que podia ... aí foi bom ... aí tinha outro Luciano ... que era o guia de lá né ... guia de lá ... aí o guia de lá era tão feio mulher ... sim ... eu vi o gay ... aí esse era outro ... outro ... outro guia ... num sabe? a mas ele era assim ... era assim ... bicha toda ... aí ele convidou pra gente ir pro restaurante dele ... aí minha filha ... só sei que foi uma confusão danada do gay ... ele disse que: ele disse que tinha uma promoção ... num sabe? que a gente se fosse comer ... ia acontecer uma confusão lá menina () saiu briga ... aí ele ... aí num ... saiu uma confusão danada ... batendo nele ... quer dizer ... a gente não né ... o pessoal de lá mesmo bateram nele ... porque parece que ele não era guia ... ele tava mentindo ... ele tava ... ele parece que falsificou ... ele não era de nada ... aí ... ele ficou ... e só sei que aconteceu essa confusão ... aí ele disse ... "olha ... deixa pra lá ... foi um mal-entendido e tudo bem e vamo embora" ... aí quando a gente chegou lá ... aí a gente foi almoçar no () na ... na lanchonete ... aí pronto ... aí a gente encontrou esse guia Luciano ... aí ele levou a gente pra ... pra conhecer ... conhecer onde era ... ele falou das macaxeira desde novinho ... sabe? aí eu comi macaxeira ... aí foi e falou ... aí a gente tava ... aí quando foi eu tava conversando com ele ... comecei a conversar ...

porque ele disse que é bom pra a gente pegar assim ... uma turma divertida ... num sabe? dentro do ônibus ... e não aquele negócio ... aquele silêncio né mulher? aquele ... aí aquele negócio lerdão ... aquela turma divertida ... que ... que saía ... dance e se distraía né? aí foi ... aí sei que ele ... aí a gente ficou conversando ... ele disse que pegou assim ... uma turma assim ... aí ele disse que tinha uma senhora ... uma senhora bem idosa mesmo ... quem idosa ... aí ela fez *strip tease* ... uma senhora idosa ... aí ele pontando isso pra mim aí eu morri de rir ... ele me contando isso ... ele disse que a senhora fez o *strip tease* lá e ele ... "minha senhora ... num faça isso ... num sei quê" ... aí a gente vinha conversando a história ... ele subiu ... aí minha tia disse ... "o que que você tava conversando com ele?" aí eu disse ... "nada ... ele tava me contando uma história ... tava me contando uma história que aconteceu isso" () aí ela disse ... "ah eu já sei" ... aí pronto ... foi bem divertido ... foi legal ... aí tudo bem ... aí a gente passou por Recife ... aí olha ... cheito de viaduto ... cheito sabe? é embaixo ... em cima ... do lado ... do lado pro outro ... direito ... esquerdo ... tudo assim ... tudo viaduto ... lá é cheito de favela ... porque assim quando a gente passa ... a gente viajou de noite ... mas () num é como o Rio de Janeiro ... num é aquele dali () aí () de manhã ... aí de manhã a gente tava no ônibus ... a gente ia andando né ... aí os rapazes passava aí a gente ... "ei ... bicho aquele ... ei bicho aquilo ... num sei quê" ... aí a gente soltando beijo ... aí foi divertido ...

Narrativa recontada

E: Lúcia ... hoje nós vamos fazer ... uma narrativa recontada? ... você vai me contar uma história ... ou um filme ... ou alguma coisa que alguém contou pra você ... você não pode ter visto o filme ... não pode ter lido o livro e num ter vivido a história ... mas alguém que contou pra você ... certo? aí você vai recontar pra mim ... você vai me dizer como é que foi ... já vai ser re/algum te contou ... e você vai me contar ... certo? qual é ... qual é a história? qual é o filme?

I: o filme que a menina me contou ... foi uma colega minha ... ela contou o filme de ... O lobisomem em Londres ... eu ainda num

diz que num vai assumir ... num é ruim? aí vai ter que casar à força ... aí quando os pais descobrirem ... "vai ter que se casar ... ah num sei o quê ... você vai ter que casar ... porque você engravidou minha filha ... e num sei o quê ... e aconteceu essas coisas" ... assim já fica ruim ... aí casa à força ... aí um num gosta do outro ... por exemplo ... pode ela gostar dele ... mas ele num gosta dela ... num é? aí fica ... "eu casei com você por causa que eu te engravidei ... porque se num fosse por causa disso ... e também foi por causa do seu pai ... porque o seu pai quis isso e aquilo outro ... e fez eu casar com você ... mas se num fosse por isso eu num fazia" ... aí fica essas coisas também ... aí engravidada e dá isso ... aí ele diz que num quer assumir ... aí acontece essa coisa do pai dizer que num que casar ... como tem uma lá no colégio que tá grávida ... aí ... num sei de quem é ... aí acontece isso ... de muitos de ... de ... de muitos casais num usar ... num usar né? aí pronto ...

E: é essa a sua opinião?

I: é essa a minha opinião ... que não ... os namoros de hoje ... tá ... tá ói ... lá embaixo ... tá cem por cento lá embaixo noventa assim ... por cento em cima assim ... que dá ainda pra quebrar o galho ... que ... dá ainda pra ... resolver assim algum problema ... mas cem por cento ainda num dá porque ... tá tudo ... trocando embaralhado ... tá briga ... é infidelidade ... é discussão ... é isso e aquilo outro ... aí já num dá certo ... eu ... a minha opinião é essa ...

mãe = 0
A gente = 3

PARTE ESCRITA.

Narrativa de experiência pessoal
 Nessa narrativa Experiencial falei sobre a excursão a Maceió que quase não foi porque falei para mãe que ia começa as provas. Depois pensei e decidi ir, pensei que eu não ia gostar mas me diverti muito.
 Quando agente chegamos lá trocamos de de roupa e fomos conhecer as praias. Aí o guia mandou para o ônibus para ver que ia tira fotos na praia que tem uma Sereia aí todo mundo disse não. Depois voltamos para o HOTEL. Antes de tudo isso quando a gente ia para Maceió dentro do ônibus teve duas

você" ... mas depois ... por exemplo ele ... ele pode tá na casa da namorada ... a namorada como em festa ... por exemplo ... os dois vai pra festa ... os dois casais vai pra festa ... esses dois casais quando vai pra festa ... ela disse que tava com sono ... aí ele vai deixar ela em casa ... aí: já ... fica ... com outra ... aí quando chega aí pergunta se ele foi pra festa ... aí ele diz que num foi ... aí vai descobrindo que ele ficou com outra lá ... aí começa a briga ... começa a briga direto ... aí ... por isso que num dá ... sempre o ... os namoro de hoje num dá certo ... porque diz ... "ah eu vou deixar você em casa ... você tá cansada ... num sei quê ... você tem que dormir cedo" ... aí já no outro dia começa as fofoca ... "ei ... eu vi seu namorado ali em tal canto ... com outras ... num sei o quê" ... aí começa toda a ... aí começa a infidelidade ... aí pronto ... por isso que num tem nem ... num tem nem um casal assim ... que se dá bem ... é muito difícil a gente encontrar um casal que se dá bem ... aí por isso que ... o namoro ... tá assim ... já tá ... tá se desvalorizando né? assim ... porque tem moça ... que é: muito avançada ... passa também do sinal ... tem vez que num é nem o rapaz ... tem vez que o rapaz num quer nada ... tem vez que o rapaz nem pensa ... aí ela já vai ... dá o sinal ... aí por isso que ... aí também ... faz do mesmo jeito ... já que a moça quer ... ele vai fazer né? já que num é a mulher ... é o homem ... aí por isso que acontece essas coisas ... os casais de hoje num: num tá se valorizando não ... tá se desvalorizando ... principalmente as moça ... vamo dizer ... eu nem sei se ainda existe moça ... por aqui ... assim ... aqui no Brasil todo ... eu num sei se ainda existe moças não ... é muito difícil ... porque ... assim pra encontrar uma moça ... ah num sei ... eu dizer que é moça ... num sei quê ... isso é muito difícil ... agora as moça é bem dizer ... tudo aí dentro ... aí dentro ... é tudo já quer dizer ... já ... já é mulher de vida ... como também ... assim de ... de treze ... quatorze ... doze ... assim sendo também sai à noite ... aí acontece alguma coisa ... um estupro né? essa coisa ... aí já também ... já num dá mais né? aí sempre acontece essas coisas ... aí o namorado ... começa a brigar ... num sei o quê ... aí começa ... aí tá grávida ... pronto ... começa também essas coisas de acontecer ... os dois ... transar ... e depois acontece uma gravidez ... aí ... ele

brincadeiras a do piu-piu e amigo(a) secreto(a). A do piu-piu tinha que dizer quantos piu-piu tinha que era a letra "A" no meu nome tem um piu-piu, ai ele perguntou se era pequeno, médio e grande, ai eu disse que era pequeno, ele mandou eu desfilar fiquei morta de vergonha. Eu gostei do amigo(a) secreto(a) que tirei o guia turístico ai falei com minha prima que eu tirei o guia porque ela tinha me perguntado primeiro quem eu tirei.

Depois a noite fomos para o Bar MARIA BONITA dançar forró lá só passa forró. Eu não gosto muito de forró gosto de músicas variáveis. Mas o guengo do guia não me chamava prá dança, chamava todo mundo menos eu, ai já que ele não me chama prá dança eu vou chama ele, chamei e dançei. Eu queria ficar com ele mas ele não queria nada comigo.

De manhã fomos conhecer a casa que nasceu Marechal Deodoro da Fonseca, e lá vimos as camas o penico o Armário, mesa e as cadeiras. Mas o penico não parecia penico parecia um jarro porque era tão bonito porque fosse eu faria um jarro. Depois fomos conhecer o SHOPPING CENTER é enorme dá de dez no SHOPPING de Natal. Eu fiquei besta quando entrei vi tanto broto.

Ai dentro do ônibus para volta prá Natal foi a hora de entrega os presentes aos amigos secretos. Antes disso para comprar o presente do guia foi complicado porque é muito difícil comprar coisa prá Homem. Eu ia compra um chaveiro que tinha o nome dele Luciano, mais agente foi no SHOPPING encontramos os cintos ai minha tia falou. Por que não dar esses três cintos para Ele ai eu tá bom eu dou ai já comprou. E nesse dia era o dia dos namorados porque dizem que quem com-um-cinto e dar para pessoa que gosta prende essa pessoa. Ai dentro do ônibus o guia falou que agente tinha que dizer tudo ao contrário como era o seu amigo secreto. Eu fiquei sem saber o que dizia dele ao contrário, ai minha tia disse assim você fale que ele é alto, gordo, tem cabelos grisalhos, tem uns 43 anos.

Ai fiquei repetindo até chega a minha vez de falar. Uma mulher que me tirou e me deu um perfume não dispensei. Ai comecei Bis. Ai minha tia tirou uma foto.

Narrativa recontada

Bem foi minhas amigas que contaram esse filme O Lobisomem em Londres eu nunca assisti só sei que eram dois rapazes que pegaram um carro cheio de ovelhas deixaram eles no meio da estrada foram andando chegaram em uma tapera sentaram e pedia alguma coisa para comer todos ficaram calados, quem falava com eles só era a mulher mais não tinha nada prá eles comerem ai eles perguntaram o que aquela estrela na parede ninguém respondeu. Eles foram embora. Antes a mulher disse que eles não saíam da estrada. Só sei que minhas amigas falou que eles saíram e um deles morreu e outro viveu. E quando ele acordou já estava no Hospital e perguntou pelo amigo e o medico disse que morreu. A enfermeira ficou cuidado dele quando ele dormia sempre sonhava com coisas estranhas ele comendo carne de bicho. Ele acordou assustado e viu o amigo, e o amigo disse que ele era o último Lobisomem e tinha que morrer.

Ai minha amiga falou que ele ficou morando com a enfermeira, no outro dia ela foi trabalhar deixou ele sozinho ele não conseguiu comer de noite ele se transformou em um Lobo e começou a matar as pessoas. No outro dia ele estava no zoológico e depois ele viu o menino e pediu as bolas e saiu correndo pegou um casaco e quando chegou na fila do ônibus todo mundo que estava na fila ficou olhando ai ele disse que era a moda.

Ai quando ele chegou a moça chamou ele para ir no hospital. Ele foi pegar um táxi ai o homem do táxi falou que morreu muita gente de noite, só que as meninas que estava contando esse filme disse que ele saiu correndo e que não queria que a namorada fosse atrás dele. Ele mandava o policial prender ele mas o policial não prendeu.

Ai ele estava parado quando o amigo chamou ele para entrar no cinema.

Quando ele entrou as pessoas que ele matou estava todos sentados com o amigo dele, dizendo a ele que o tempo dele estava acabando que ele tinha que se mata ou morrer. Ele começou a transformar, mais na frente dele tinha um velho com uma lanterna na mão. Ele mandava o velho sair e o velho não saia ai ele matou